

Organizadora
Taysa Matos

DIREITO E ARTE

Pelo Direito na Poesia!



tirant
lo blanch

Organizadora
Taysa Matos

DIREITO E ARTE
Pelo Direito na Poesia!



tirant
lo blanch



Copyright© Tirant lo Blanch Brasil

Editor Responsável: Aline Gostinski

Assistente Editorial: Izabela Eid

Capa e diagramação: Natália Carrascoza Vasco

Foto de Capa: Luc Stadnik

CONSELHO EDITORIAL CIENTÍFICO:

EDUARDO FERRER MAC-GREGOR POISOT

Presidente da Corte Interamericana de Direitos Humanos. Investigador do Instituto de Investigações Jurídicas da UNAM - México

JUAREZ TAVARES

Catedrático de Direito Penal da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - Brasil

LUIS LÓPEZ GUERRA

Ex Magistrado do Tribunal Europeu de Direitos Humanos. Catedrático de Direito Constitucional da Universidade Carlos III de Madrid - Espanha

OWEN M. FISS

Catedrático Emérito de Teoria de Direito da Universidade de Yale - EUA

TOMÁS S. VIVES ANTÓN

Catedrático de Direito Penal da Universidade de Valência - Espanha

D635 Direito & arte : pelo direito na poesia! [livro eletrônico]
Organizadora Taysa Matos. - 1.ed. – São Paulo : Tirant lo Blanch, 2021. (Direito & Arte : Pelo Direito na Poesia; 2)
874 kb; livro digital

ISBN: 978-65-5908-137-0

1. Direito. 2. Arte. 3. Poesia. 4. Fotoplastia. I. Título.

CDU: 34+82-1

É proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio ou processo, inclusive quanto às características gráficas e/ou editoriais.

A violação de direitos autorais constitui crime (Código Penal, art.184 e §§, Lei nº 10.695, de 01/07/2003), sujeitando-se à busca e apreensão e indenizações diversas (Lei nº9.610/98).

Todos os direitos desta edição reservados à Tirant Empório do Direito Editorial Ltda.



Todos os direitos desta edição reservados à Tirant lo Blanch.

Avenida Brigadeiro Luiz Antonio nº 2909, sala 44.

Bairro Jardim Paulista, São Paulo - SP CEP: 01401-000

Fone: 11 2894 7330 / Email: editora@tirant.com / atendimento@tirant.com

www.tirant.com/br - www.editorial.tirant.com/br/

Organizadora
Taysa Matos

DIREITO E ARTE

Pelo Direito na Poesia!

Analice Nogueira Santos Cunha
Agnes Pessoa
Bernardo G. B. Nogueira
Bianca Rosenthal
Claudio Melim
Cacau Novaes
Caio Vlasak
Caroline Barreto
Cláudia Boatti
Cynthia Possídio
Dora A. Martins
Eliane Câmara
Elizabeth de Araújo Souza
Ezilda Melo
Gabriela Menezes
Henderson Fürst
Homero Chiaraba
Jaécio Matos
João Marcos Buch
Jordane Costa Oliveira
Juliana Damasceno
Karina Guerreiro de Sá
Laura Cecília Fagundes
Lívio Oliveira
Lucas Gabriel S. Costa
Luciana Pimenta
Luiza Nagib Eluf
Luciana Santos

Luis Wagner S. Costa
Maica Matos Leão
Márcia Letícia Gomes
Mariana Imbelloni Braga Albuquerque
Marilena Wolf de Mello Braga
Marisa Falcão
Mírian Monte
Nely Nazareth
Nadine Hellen Reis
Nic Cardeal
Nilzo Felisberto
Paloma Leles
Paula Yurie Abiko
Paulo Ferreira da Cunha
Paulo Silas Filho
Poliana Policarpo
Rafaela Albam
Renato S. S. Schindler Filho
Rodolfo Pamplona Filho
Rodrigo Luz
Rômulo Moreira
Rosa Duprado
Samuel Lourenço
Taysa Matos
Tiago Silva de Freitas
Ualy Castro Matos



tirant
lo blanch

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	9
PELO DIREITO NA POESIA	11
O BALÉ DO SILÊNCIO.....	15
A FUMAÇA.....	16
A GOSTO.....	17
A MENINA DOS OLHOS.....	18
A RUA.....	21
A VIDA: ENTRE SONHOS E PERDAS	24
ÁGATHA MORREU	25
ALGUMA COISA ME DIZ.....	26
AMIZADE.....	28
AMO-TE BAHIA	29
AMOR SEM PROMESSAS.....	30
ANGUSTIA.....	31
ANTES SOLTEIRA DO QUE SÓ.....	33
ARGENTUM	35
AS PALAVRAS.....	38
ATÉ A ÚLTIMA GOTA.....	39
BAILARINA.....	41
BALA ACHADA.....	43
BUSCA.....	44
CAMINHOS	46
COIMBRA EM RITMANÁLISE	47
CORDEL DA ADVOCACIA	50
CRÔNICA: DONA MARIA.....	52
DARIA TUDO	54
DE PASSAGEM.....	55

DESEJOS DE MUDANÇA.....	57
DIFERENÇAS	58
DOMINGOS FORA DO TEMPO	59
É CONCRETO, FERRO E CIMENTO	60
ELA	62
ELA COM A, ELA DO B	65
ESCREVO-TE.....	66
ESSA PALAVRA DADA A VERMELHOS	67
ESTRADA	69
EU NÃO QUERO SER ESSE HOMEM!	70
EXISTIA UM MUNDO INTEIRO ATRÁS DAQUELES OLHOS. 73	
FORMOSA ÉS TU, ARACAJU	74
GATA PERIGOSA.....	76
GUERRA.....	77
HIPOCRISIA.....	79
HOJE DANÇAMOS NA COZINHA DE MANHÃ.....	80
HOMEM TRABALHADOR.....	82
INVASÃO 1977	83
INVERNO EM ITACIMIRIM.....	84
IURIS AMORES	85
LIBERDADE QUE DESTINA	87
MALABARISTA	88
MARIA	89
MEU NETO, MINHA NETA.....	90
MINHA ALMA PARAÍBA	91
MOÇA.....	93
MULHER FLOR.....	94
MULHERES	96
NADA HUMANA	97
NÃO GUARDO CADERNOS	98
NEM GORDA NEM MAGRA	99

NO FIM	101
NOTA TELEGRÁFICA 2	102
NOTA TELEGRÁFICA 3	103
NOTA TELEGRÁFICA 9	104
NOTAS SOBRE OS TONS	105
NOTÍCIAS BOAS	106
NOVO PENSAR.....	107
NUVENS.....	108
O CAMINHO SAGRADO COMEÇA NO CORAÇÃO	109
O CÍRCULO DA ESPERA.....	111
O CORPO.....	112
O CRAVO, A ROSA E A ESTATÍSTICA.....	113
O ENCANTO DOS CONTOS.....	115
O GRITAR DA ALMA	117
O GRITO	119
O INVISÍVEL ESCOMBRO	120
O MEU OXENTE É COISA DA MINHA GENTE	121
O MEU, TEU, NOSSO	122
O SAGRADO FEMININO	124
ONDE ESTÁ O AMOR?	126
ONTOLOGIA.....	128
PARA A ÁGATHA VITÓRIA, EM NÓS.....	130
PEDIDO A JORGE CALHEIROS.....	131
POESIA EM MIM.....	135
PONTO DE ARQUIMEDES.....	136
POR FALAR EM COLARINHO-BRANCO	139
POR MAIS QUE NÃO SE DIGA, CONTINUA SENDO.....	141
POR QUE TE CALAS?.....	142
PRESENTE DEVOLVIDO	143
QUANDO FUI SOL.....	145
QUEM NUNCA SOFREU POR AMOR?	146

RESISTIR	147
ROSA NEGRA	148
SENHORA.....	149
TEMPO.....	150
TERRA PLENA.....	151
TRISTEZA COMPANHEIRA	153
TUDO QUE VIVI.....	154
TÚMULO VAZIO	156
UM MILHÃO DE FLORES PRA VOCÊ MENINA	158
UM NATAL NORDESTINO	159
UMA NOVA MULHER	162
UNIVERSO.....	164
VERDADE DO SER.....	165
VISÃO DE UM CEGO	166
VIVER SE APRENDE VIVENDO	167
VOCÊ.....	168

APRESENTAÇÃO

Os poemas publicados por autores de diferentes áreas na coluna “Direito e Arte” do site Empório do Direito, durante os anos de 2018 a 2020, encontram-se cronologicamente reunidos em quatro livros, cuja sequência de títulos coloca em jogo os termos Poesia e Direito: “Pelo Direito da Poesia!”; “Pela Poesia do Direito!”; “Pela Poesia no Direito!”; e “Pelo Direito na Poesia!”. Mas afinal, onde reside a poesia? Como encontrar o endereço de sua mágica morada?

Percorrendo o mapa interno dos quatro volumes, o leitor se depara com a vizinhança entre duas formas de arte – poemas e fotografias – que se associam (conforme seleção da organizadora Taysa Matos) em torno da poesia, essa habitante de diversas moradas. O poeta e ensaísta mexicano Octávio Paz, em um dos capítulos do seu livro “O Arco e a Lira”, obra teórica de forte viés poético, afirma que “uma tela, uma escultura, uma dança são, a seu modo, poemas. E esse modo não é muito diferente ao do poema feito de palavras. A diversidade de artes não impede sua unidade”. A poesia mostra não ter residência fixa, antes transita por diferentes campos da arte e da vida, expressando-se por meio de diferentes signos: da móvel arquitetura das palavras aos diversos ângulos da fotografia; da tela pintada à contemplação de uma paisagem; do eu lírico ao eu social; das narrativas da ficção às narrativas da história; do privado mundo interior ao público espaço das relações humanas. Afinal, voltando aos sábios ensinamentos de Octávio Paz: “paisagens, pessoas e fatos podem ser poéticos: são poesias sem ser poemas”.

E o que torna arte e vida acontecimentos poéticos? Para o teórico russo Victor Chklovski, a imagem poética é uma forma de intensificação dos nossos sentidos, que automatizados pelo cotidiano não conseguem perceber a singularização presente em nosso entorno. Assim, a experiência poética nos apresenta o mundo como se o víssemos pela primeira vez. A poesia nos proporciona, então, a oportunidade de um olhar sempre inaugural, um olhar deslocado, que abandona as amarras de um significado preestabelecido para ingressar na abertura

dos sentidos, vivenciando as múltiplas camadas do signo poético, sua densidade, a errância de seus diversos fios, sua possibilidade de colocar as várias linguagens da arte e da vida em constante transformação – mágicas e nômades moradas.

Exercício do olhar e do sentir, a poesia é simultaneamente expressão e percepção. Reside simultaneamente naquele que se dedica ao fazer poético, intensificando uma experiência de linguagem, e naquele que a percebe em sentimentos preexistentes, revelados enfim pelo contato com a experiência poética. O endereço ideal para a poesia estaria nessa esquina entre a obra oferecida e a sensibilidade de quem a acolhe. Encontro surpreendente que faz a voz de um ressoar no peito do outro, reverberando em outras tantas possibilidades do fazer poético.

Esta apresentação é um convite para uma visita aos múltiplos cômodos dessa morada em quatro volumes, a fim de vivenciarmos juntos a experiência do poético, residente em cada um de nós e que nos torna humanos.

Marisa Aurea de Sá Falcão
Doutora em Literatura e Cultura (UFBA)

PELO DIREITO NA POESIA

Seria uma tarde de abril, como tantas outras já vividas, com seu clima ameno, mas já anunciando tempos de chuvas fortes, raios, relâmpagos e trovões, não fosse pela pandemia, declarada pela Organização Mundial de Saúde, pela era de aquário, profetizada pelos místicos, por uma simples gripe, defendida pelos céticos....

Seria, portanto, uma tarde de abril atípica, pois a tempestade anunciada, relação não teria com a meteorologia... Seria uma tarde cinza, de nuvens carregadas, sim, seria, não fosse pelo clarão aberto pela poesia...

E a poesia chegava tocando castanholas, toda de vermelho, sapa-teando ao som de um violão flamenco. Ao vestido, apenso, havia um leque capaz de afastar a desesperança e a destemperança desses tempos de flagelo e isolamento...

E de repente, o céu de abril se abriu e se fundiu com o vermelho do vestido da espanhola, adquirindo um tom lilás de que não me esquecerei jamais.

A bailarina parou de dançar, manuseou seu leque de possibilidades e de quimeras e gritou: “Pelo Direito na poesia!” .

Assim chegou Taysa Matos, trazendo-me o convite para escrever este prefácio. Taysa veio trazendo os bons ventos, boas novas, os versos, a prosa...

Veio mostrando que é possível travar lutas pelo Direito com a maestria da poesia.

E essa é a proposta desta grandiosa obra, que reúne nomes festejados, em todo o Brasil, no âmbito do Direito e das artes, em especial, da arte literária.

Em “Pelo Direito na Poesia”, o leitor perceberá que a beleza da palavra escrita é uma poderosa arma na conquista e consolidação de Direitos, porque a arte humaniza, evolui o espírito, ilumina a mente.

Recebi com muita alegria o convite para redigir este prefácio,

principalmente porque teria que me debruçar sobre as poesias, perder-me em versos e no tempo...

Falando em “Tempo”, Rosa Duprado de Carvalho Melo consegue, em segundos, levar-nos à eternidade e a mergulhar nos paradoxos do relógio da vida: *“Muito tempo longe e tão pouco tempo para te ver e sentir a brisa que vem de você e beija o meu rosto e liberta os meus cabelos... Tão pouco tempo para ouvir a sua voz, tão eterna, e me chama...”*

Essa intensidade poética também surge nos versos de Cláudio Melim, que consegue preencher, de poesia, o vazio de uma alma “Nada Humana”: *“Nada corre, Nada vive, Nada morre, Nada humana.”*

Neste momento da leitura, eu me perguntei do que seriam feitos os poetas, os artistas, essas almas inquietas, ora esvaziadas, ora completas... E Nic Cardeal traz uma pista, iniciando “No fim”, pelo começo: *“Tudo é feito da mesma semente - e a gente, tão displicente, nem sente...”*

Lembrei-me, neste devaneio, do dia em que lancei a semente, a Rosa, que declarei “Guerra” e *“Resolvi me assumir artista. Eu canto, danço E me equilíbrio em versos...”*

E meus pensamentos continuaram a dançar, dessa vez ao som da melodiosa e sensual poesia de Taysa Matos. Em “O corpo”, a poeta nos convida ao movimento: *“O corpo que dança no compasso se liberta e com mistérios exala desejos; Traz na alma a linguagem do prazer que pulsa e alimenta o coração. A dança com poesia descreve as curvas e com melodia, a sedução...”*

“Poeta-se”. O último verso de Ualy Matos, em *“Alguma coisa me diz”*, surgiu-me como um sinal de que é possível pela poesia, desvendar *“os segredos da alma, que ninguém se atreve decifrar”*.

Meus olhos continuaram passeando pelos poemas e parei em Aracaju. Aqui, preciso confessar que concordo absolutamente com Laura Cecília Fagundes dos Santos Braz, em *“Formosa és tu, Aracaju”*.

Segui com a leitura substanciosacrônica *“Nem gorda, nem Magra”*, de Caroline Barreto; fiz-me a mesma pergunta de Elizabete de Araújo Souza: *“Onde está o amor?”* e saí investigando como uma criminalista apaixonada, buscando pistas em *“Iuris Amores”*, de Gabriela M Menezes *“É crime consumado inconscientemente, acobertado sob a inexigibilidade de conduta diversa”*...

Aprendi, com Cacau Novaes, que “Viver se aprende vivendo”; com Jordane Costa Oliveira, que *“Para além da visão existe um espectro de cores no olhar”*, em “Notas sobre Tons”.

Aprendi, também, que é preciso “Resistir”, com Paula Yuri Abiko, inclusive ao “Inverno em Itacimirim”, descrito pela mais pura poesia de Karina Guerreiro de Sá.

Rodrigo de Camargo Cavalcante fez-me retomar o espírito questionador, com “Cadê você, Vida?”, mas prestei atenção aos conselhos de Rômulo de Andrade Moreira, em “Meu neto, minha neta”. Por fim, entendi, com calma, “O gritar da alma”, de Eliane Câmara Batista dos Santos.

Após o grito, ouço “As Palavras” de Rodolfo Pamplona Filho: *“As palavras se gastam com o uso e se prostituem com o abuso”*.

Conheci a “Dona Maria” de Nadine Hellen Reis e, assim como Lívio Oliveira, em “Daria Tudo”, *“Eu daria tudo, tudo, tudo para que os meus sonhos (também) nascessem novamente”*, pois, em alguns momentos, vi tudo ruir, virar pó, como em “O meu, o teu, o nosso”, de Laura Cecília Fagundes dos Santos Braz.

Mas Henderson Fürst traz esperança em “Escrevo-te”, ao aconselhar: “Sê o que és e aceita a espera, que nem sempre há lugar no caos”.

Absorvi a experiência de Poliana Policarpo de Magalhães Aguiar, em “Tudo o que vivi” e me vi encurralada, na poesia de Rodrigo Luz, “A liberdade que destina”.

Conectei-me com meu sagrado feminino, em “Mulheres”, de Nely Nazareth, reverenciei o “Homem Trabalhador”, de Lucas Gabriel e Luis Wagner, li “Notícias Boas”, de Marilena Wolf de Mello Braga e “Nota Telegráfica 3” de Bernardo GB Nogueira.

Em “Amo-te Bahia”, de Caio Vlasak, declarei meu amor à terra que rima perfeitamente com poesia. Deparei-me com “Túmulo Vazio”, de Paulo Silas Taporosky Filho, percebi que “Existia um mundo inteiro por trás daqueles tristes olhos”, de Renato S.S. Schindler Filho, chorei com “Bala Achada”, de Luciana Santos, passeipela “Rua” de Homero Chiaraba, conheci “Maria”, de Rômulo de Andrade Moreira”.

Quando menos esperava, já estava no natal... No meu “Natal

Nordestino”.

Eis que surgiu Pamplona novamente, dizendo-me: “*Amar não exige promessas, Amar exige amar, Amar sem promessas, Amar, simplesmente amar*”, em “Amor sem Promessas”.

Depois de Pamplona, os outros poetas, de quem já me sentia íntima, voltaram a declamar no meu sarau imaginário: Poliana, Taysa, Nic Cardeal, Elizabete, Cacau Novaes e tantos outros.

De repente, a bailarina espanhola volta a dançar... O violonista dedilha uma canção...

“E, num passe de mágica,
Toco castanholas,
Torno-me inatingível,
Seduzo e afasto,
Beijo, abraço,
Viro espanhola.
E, no toque de um enigmático violão,
Meu rosto angelical despenca;
E minha alma ressurgue,
Certa, feliz, segura, plena,
Numa intensa e apaixonante
Dança flamenca”

Mírian da Silveira Monte

O BALÉ DO SILÊNCIO

Ela dança em silêncio...

Por um momento se dobra em reverência à natureza que fala com o ar.

Na plenitude, ela baila com o vento e preenche o todo silêncio...

E dança...

Seus movimentos refletidos no espelho d'água se perpetuam na contemplação dos sólidos olhos a admirar.

Nos seus múltiplos giros nada diz, mas no silêncio tudo fica combinado.

Ela dança em silêncio e cresce em harmonia.

Do vento ao sólido, do ar à água, todos flagram a exuberância do balé que ganha vida na sonata dos contrastes.

A bailarina e o silêncio se completam para gritar verdades e calar ruídos...

Para em sua sombra repousar palavras e com o silêncio dialogar.

É no cenário da perfeição que a bailarina ressonante, em sua quietude...

Dança com o silêncio!

Taysa Matos

A FUMAÇA

Era uma festa dessas, de rotina. Mais um lançamento de um livro, de mais um escritor importante, e mais uma edição da obra relevante para o mundo em que ele habitava. Cansada de ficar por ali, sorrindo sem prazer, Berta foi ao banheiro. Havia curta fila e alguma conversa entre as mulheres. Resolveu aderir. O tema era cigarro. A de aparência mais velha fuma com toda a libido possível, e ali, naquele local fechado e algo asséptico, ostenta o prazer de tragar longamente e ah.... a fumaça penetrando o vazio, e o exalar, como que tivesse ido ao encontro de uma particular felicidade, meio liberdade, ambas protegidas em antiga memória. Berta sorve a fumaça do ar. A fumante deve ter uns 60 anos para mais, sob uma maquiagem que pesa um pouco e cabelos arrumadinhos. É avó. Conta dos netos, e dos filhos e, enfim, chega ao marido, o homem que está sendo homenageado lá fora, na festa. É um velho sisudo, quieto, desembargador aposentado. Oh! Pessoa importante, jurista muito considerado, segundo outras, ao sabê-la a esposa dele. E a fumante destaca, bem rapidamente, que ele nunca soube que eu fumo, ele sempre foi assim, e eu nunca quis largar. Ele sempre foi rígido. Quando meus filhos eram pequenos eu tinha que impedir que eles passassem defronte à porta do escritório, enquanto ele escrevia. O silêncio era uma ordem e todos obedeciam. Agora, tudo mudou. Os dois pequenos netos fazem dele o que querem. Até sobem na mesa, abrem gavetas e riscam papéis, imaginem. Tragou de novo com olhar baço, e expeliu devagar a fumaça. Deu para ver na branca névoa pedaços de ódios dos poderosos netos que submeteram o velho juiz. Amassou o toco de cigarro e o dispensou na lixeira, conferindo antes se não restava sinal de fogo. Retocou o batom e saiu para retomar o seu lugar nenhum, na festa.

Dora. A. Martins

A GOSTO

A gosto o fruto brota
No tempo da espera

Não aquele do nascer
Ao pôr do sol
Antes o da seiva
Irrigando o corpo
Das árvores
A expansão da vida

Nunca o tempo medido
É o tempo
Que se sabe
Do inverno à primavera

A gosto do desejo
As flores vão se abrindo
Dirigindo o movimento
Do que vai
E do que vem
Nessa travessia

A gosto é a vi(n)da
A cor dada pelos sentidos.

Luciana Pimenta

A MENINA DOS OLHOS

“Junto a las manillas de um reloj. Esperaran. Todas las horas que quedaron por vivir. Esperaran...” (Jose Luis Perales)

Enquanto a mãe escondia a revista em cima do armário, atrás da porta, olhos infantis a observavam. Silenciosamente, a menina voltou para a sala, ligou a vitrola, ouviria novamente a canção, “ Por que te vas”. Jogou-se no sofá como quem mergulha em nuvens. A mãe dirigiu-se à cozinha, para as últimas instruções à Soledade.

1979, Agnes era jovem de rosto belo, quase angelical, não fossem os olhos azuis perspicazes e intensos. Impossível passar despercebida. Conseguiu o emprego havia meses. Uma das maiores redes de resorts da Europa. Estava feliz, nunca trabalhara fora da França. Salário e benefícios excelentes: casa, carro, viagens, tudo o que sonhara.

Encantara-se com o lugar. Vila de casas brancas, contornadas por ruas de pedras seculares, o belo porto de veleiros coloridos. Os habitantes, reservados e silenciosos. A cidadezinha era cercada por campos e amendoeiras carregadas de flores brancas; pétalas lembravam flocos ao vento. Estradas desertas, rústicas, cobertas de videiras levavam às praias; areias suaves banhadas pelas águas transparentes do mediterrâneo. O verão chegava dourando o paraíso.

O resort situava-se em recanto deslumbrante. Tudo o que se esperava do empreendimento. Os chalés-luxo-distantes uns dos outros, nas encostas, rodeados de pinheiros. Para o seletor público, o máximo de privacidade.

A menina nascera na vila, assim como toda a família. Filha única, a mãe a educara sozinha, com ajuda de Soledade.

....

Agnes estava de folga, fora ao penhasco para ver a imensa bola de fogo desenhar no céu tons de rosa e laranja submergindo num mar de escuridão.

Encontrou, então, a menina de olhos negros, inquisidores, estra-

nhamente solitária a admirá-la.

Lembrava-se perfeitamente daquele dia. Estreara a bicicleta vermelha – parecia voar pelas encostas – o vento a açoitá-lo o rosto. Vivia a liberdade de crescer em lugar de delicada natureza. Vira Agnes pela primeira vez, entre o pôr do sol e o mar, pareceu-lhe um anjo iluminado.

A noite Agnes dirigiu-se à vila. Vagou por ruelas de turistas embriagados. Preenchendo o vazio, encerrou jornada no velho bistrô.

Em horas conheceu Fausto. Homem forte, beleza nórdica, alguns anos a mais. Viera de férias. Silenciosamente, aproximou-se, pediu para sentar. Agnes amava o inusitado.

Cada pessoa, uma história; cada história, um destino. Conversaram. Perderam-se no tempo. Ali permaneceram até restarem apenas os dois.

Hospedara-se em hotel à beira da praia. Convidou-a para subir. Era tarde, preferiu partir.

Encontraram-se dias depois. Ele a esperava ansioso. A lua cheia refletia o brilho no mar, dissipando-se a cada onda.

Sábado o sol queimava corpos sobre copos de sangria. A menina – ao longe - os observava, enquanto tecia castelos de areia.

Agnes sentia os dias alongarem-se indefinidamente. Ficou aliviada ao vê-lo partir.

Telefonara ansioso. Precisava reencontrá-la. A intuição feminina disse não. No caminho do trabalho viu a menina despetalando margaridas. Apenas o olhar sombrio pairado no ar.

O tempo corria. O mar, agitado, prenunciava o fim da estação. Assim como turistas o verão quieto. A vila, os campos, cobriam-se de tons amarelos e marrons. Da janela da casa observava a menina sorrir, flutuar no balanço, empurrada pelo vento.

....

A noite, chuva insistia em castigar o telhado. Desligara o telefone. Oitava carta nas últimas semanas: assim como as anteriores, permeada de ideias e sentimentos desconexos. O desassossego vagava insone. Tomaria coragem. Na manhã seguinte, acabaria com aquele

tormento. Sentia saudades da França e da família.

A garota entrou no quarto enquanto ouvia a canção: “Mi corazón, se pone triste ...Por que te vás?” Alcançou a revista, folheando-a com avidez. Pupilas dilatadas e inquietas pararam na página principal. Veria Agnes pela última vez. Sentiria saudades? Levara uma parte de si.

O lindo corpo branco lembrava-lhe uma pálida boneca, deitada de lado. Mãos presas às costas. Traços profundos, de vermelho intenso, rasgaram-lhe o dorso nu. Manchas roxas imitavam grosseiro colar em delicado pescoço. O belo cabelo, emaranhado. Os lábios entre-abertos, sorriso esganado. Nunca compreenderia aquela cena... arrancaram-lhe os lindos olhos de azul intenso...

.....

O monstro os levou.

Karina Sá

A RUA

Um tanto quanto confuso, angustiado, perdido pelo tempo louco desse mundo insano e virtual... estava em um jardim público - um desses lugares onde se cultivam ladrões e de vez em quando topamos com alguma planta. Pensava com algumas nuvens, como esse mundo desequilibrado nos torna coisas.... coisas cada vez mais pequenas, insignificantes e substituíveis. E pensava também sobre como o mundo consegue fazer isso, justamente nos convencendo do contrário - de que somos indivíduos, que nossa individualidade é mais importante que tudo e que a verdadeira liberdade é poder escolher - mesmo que essa escolha fique limitada apenas àquela opção que o próprio mundo te dá: ou seja - somos livres para escolher, mas não temos opção.

Um pássaro - na verdade um filhote - em rompante caiu em mim, Pobrezinho... estava a aprender a voar... e não passou na prova da seleção natural. Isso, por um momento, desviou minha atenção sobre o que divagava. Fiquei atônito. Não é todo dia que se vê algo assim. Um pássaro - que não sabe voar, É como um gato que não cai em pé ou um cachorro que não esconde o osso. É diferente. É assustador, Pois nos lembra que a natureza tem das suas surpresas e das suas imprevisibilidades, e que por mais segurança e mais direito que tenhamos, pode a natureza desfazer de tudo que conhecemos em um piscar de olhos.

Nossos pensamentos são uma coisa curiosa. É como uma reação química. Um reagente encontra o outro, A reação começa, Um novo produto se forma, A coisa toda aumenta... aumenta a velocidade, Surge um catalizador. A reação acelera, Quando percebemos - onde havia ácido e base s[p tem água e sal.... A natureza é transformada - Mas não deixa de ser natureza... jamais. E assim é o pensamento. Muda, se transforma, interpreta e se reinterpreta e reconstrói-se a cada interpretação nova... mas se o pensamento sobre de ácido e de base, jamais será outra coisa senão pensamento sobre água e sal.

Passado os átomos do pássaro que finalmente voara, as nuvens não estavam mais em seu lugar. Roubaram as nuvens, pensei. Não é possível - roubam-se humanos, roubam-se vidas, roubam-se sonhos... e agora roubam-se as nuvens. Até as nuvens. Elas, que são feitas de algodão e se desmancham ao tocar. Elas que de tão frias embranquecem o chão quando o tocam e nascem plantas quando chovem;

Sem pássaro, sem nuvens e se opções, passei a olhar a rua. É interessante observar um espaço público. É possível ver de tudo. Uma grávida com um bebê de colo, segurando uma criança com a outra mão - e mais uma acompanhando-a de perto. E a gente se pergunta - e o controle de natalidade, quer dizer, proibir - ou “convencer” os pobres que eles não devem ter filhos, para que o Estado gaste mais dinheiro financiando grandes empresas a fundo perdido, para que os ricos possam ter apenas um ou dois filhos que estudarão de graça em uma universidade pública, para assim sobrar mais dinheiro para manter elevado o padrão de vida, porque terão menos gastos como a licença maternidade dada àquela moça - pela sexta ou sétima vez... meu deus que confusão! Melhor deixar a moça lá...

Bem...a rua ainda está lá... me dou conta de como as pessoas andam apressadas, enraivadas, estressadas. Um sinal latente da loucura coletiva em que nós nos metemos. A essa loucura um tal inglês de nome que não me recordo agora chamou de Contrato Social. Pode imaginar uma coisa dessas: um monte de gente junta vivendo em completa baderna. Um dia acordam. É um dia de verão - claro, porque as pessoas na Europa, sobretudo nessas épocas míticas sem tecnologia, provavelmente não tenham muito ânimo para sair aí às ruas, a deliberar e inventar novas formas de governo no inverno. Um dia esses tais europeus saem às ruas - olha a importância das ruas - e dizem: “ó monarca, governe-nos. Seja nosso líder. Nós prometemos viver em paz e harmonia - e você promete nos guiar pelos augúrios de um mundo cão, sendo nosso senhor e nosso mestre sábio e justo”. Essa é a loucura que nos metemos..

Lembro de um outro rapaz, cujo o nome não me lembro também. Mas por ser francês aposto que se chama Jean. Todos os países têm lá seus nomes comuns e representativos. Como Portugal tem seus Manés e o Maranhão seus Ribamares, a França tem seus Jeans. Seja

Jean ou Jaques, russo sei que não era, pois era francês - e disso tenho certeza. Esse era dos meus camaradas, pois ele disse uma coisa interessante: “ninguém percebe a loucura que é esse negócio de propriedade, um dia alguém disse ‘Éssa é minha propriedade’ e os demais aceitaram.” Pois digo a mesma coisa - ninguém percebe, um dia disseram ‘Esses são meus seres humanos’, O que fizemos: assinamos um contrato. Quer dizer, eu mesmo não assinei nada, nem o senhor Paulo Maluf. Quem mostrar nossas assinaturas nesse tal de Contrato Social, está mentido. São assinaturas falsas.

Incrível pensar que tudo isso - toda essa reflexão - surgiu de uma tarde olhando a rua. Uma simples via, que pode ser a minha, que pode ser a sua - ou a de qualquer um. Entristece apenas a alma do cantor apaixonado que todas as reflexões sobre sua amada -os cabelos brilhosos e o olhar petrificante de medusa - todas essas constatações são inúteis - pois não são científicas. O amor, tal como a rua, não é uma fonte fidedigna.

Homero Chiabara

A VIDA: ENTRE SONHOS E PERDAS

Muitas vezes nos questionamos sobre o sentido da vida; questionamentos que, ironicamente, costumam surgir em momentos difíceis ou de perdas.

Momentos em que parece que a vida não faz mais sentido, que todas as conquistas foram em vão e que cada um dos sonhos concretizados não possuiu qualquer relevância.

Diante de uma imensidão de sentimentos ruins, esquecemos de pensar nas alegrias que aquela mesma vida (que perdeu o sentido) nos deu; em todos os momentos felizes, em que os sentidos sequer chegavam a ser questionados.

Com tudo isso, o que não percebemos? Não percebemos que o sentido da vida pode estar ao seu lado, na história construída, na experiência desfrutada e, até mesmo, naquelas memórias que nunca serão apagadas. Não percebemos que o que realmente não faz sentido é trocar gratidão por tristeza, por angústia ou por revolta e que precisamos buscar nos momentos felizes o sentido de continuar seguindo em frente.

Rafaela Albam

ÁGATHA MORREU

Em um dia assim qualquer / Acordada de olho, mas adormecida
por tudo / depois de um grão de tempo / Ágatha não voltou /

E uma revolta retumbante chegou / Como se tudo acabasse ali,
naquele lugar / Pensei no fim, enfim não mais viver /

Estão lá, esquecidos / Estão lá, desprotegidos /

Culpa? não se sabe / talvez desse mundão de Deus / talvez
desse silêncio eloquente que vitima, que mata, que tortura / que faz
naufragar a menor gota de esperança.

E os anjos seguem caros na feira do pão/ Não fazer é matar /
matamos um mundo.

Existia uma criança / um velho/ existiam sorrisos e lágrimas /
existia tudo e mais um pouco.

Existia um mundo inteiro por trás daqueles lindos olhos escuros...

Renato S. S. Schindler Filho

ALGUMA COISA ME DIZ

Está entre o sol e a lua
Fazendo brilhar as estrelas
Que no dia do poeta
Presta-se homenagem a ela
A sua imagem é um poema
Musa poética
Menina cantada
Moça bonita
Mulher enamorada
Agraciada de belezas
Presenteiam com encantos mil
O poeta rendeu-se em seu doce olhar
Sorte de tê-las em seus abraços
Sem palavras, desmedida...
Beleza emoldurada
Viver assim torna-se um desafio
Inebriado no seu aroma sutil
Todo mundo sabe
Ela veste-se de mistério, sob a lua de noite.
E despe-se com inspiração
De manhã cedinho
De modo que abriga
O nascer do sol
Devagarinho e suave
É quem dá a linha
Para os passarinhos voarem
E cantarem
Fazendo ninhos de amor
É quem entrega o sorriso
Na leveza do perfume

Ao desnudar em seus lábios uma flor
O que tem no ventre traz a verdade
Faz um corpo de ideias, ganhar cores.
Os segredos da alma, que ninguém se atreve decifrar.
Somente é permitido se permite desfrutar
Como fazes o pôr do sol
Poeta-se.

Poeta Ali Agora - Ualy Castro Matos

AMIZADE

Brilho doce de olhar gratuito
Pureza toda na satisfação
Fardo denso sem nenhum intuito
Em face tenra de aproximação

Vendo cego pela luz dormente
No duro tempo em nada fadigar
Cantando ido aduzir contente
Tão forte ser que só nos fez amar

Claudio Melim

AMO-TE BAHIA

Amo-te Bahia
Como quem precede ao infortúnio
Ainda és triste, Bahia
És dessemelhante
Mas não se pode fugir à sua face
Espias a dor de um semelhante

Amo-te Bahia
Como quem parte, sem dizer adeus
Vendo no afastar dos olhos teus
Os dias de minha mocidade

Jamais de ti partirei
Ventre seu comigo
Tendo me parido
No refúgio eterno
Da razão em contrariedade

Caio Vlasak

AMOR SEM PROMESSAS

Quando se ama,
fazem-se promessas,
como se houvesse necessidade
de verbalizar
que se pode fazer tudo
por amor

Mas prometer gera expectativas
que, quando não realizadas,
causam uma frustração,
como se o amor perdesse força
por uma promessa não cumprida.

É olhar uma parte pelo todo,
o acessório pelo principal,
o detalhe pelo conjunto,
o universo por um lugar
a vida por um dia

Amar não exige promessas
Amar exige amar
Amar sem promessas
Amar, simplesmente amar.

Rodolfo Pamplona Filho

ANGUSTIA

Vai, angústia, te esconde,
Não persigas quem não quer tua companhia,
Foge, vai para longe,
Abandona a fonte que quer secar,
Sai da introspecção humana,
Deixa a alma respirar;

Aqui, não tem mais espaço para tua morada,
Deixa de sugar as gotas de felicidade alheia,
Aprende a viver só.
Não sufoques os corações
Deixa-os bater no compasso próprio,
Não confundas as mentes,
Não apagues os sorrisos;

Tu não sobreviverás às rajadas de sol vibrante,
Nem ao verde dos galhos,
O arco-íris te será fatal
Depois do frescor da chuva,
Tu não resistirás ao colorido do mundo,
Nem à brandura do vento.

Aqui, não terás mais alimento,
Não beberás as lágrimas,
Que descerão das faces por alegria,
Nem ouvirás melodias tristonhas;

As portas estão cerradas,
Tu não te quedarás mais aqui
Em teu lugar, habitará outro sentir,
Talvez uma calma terna,
Ou um suspiro de paz,
Mas jamais teu sufocar pungente,

Nem tua tristeza amarga,
Quiçá teu punhal de dor;

Adeus, vai para sempre,
Tuas amarras e teus grilhões
Não aprisionam mais,
Tua força findou,
Chega, afasta,

Não te vejo mais,
Não te sinto,
Não resta nem sequer tua lembrança,
Eis a liberdade,
Teu império acabou.

Poliana Policarpo

ANTES SOLTEIRA DO QUE SÓ

Lá bem atrás, já dizia voinha
Antes só do que em má companhia
Pobre do santo que tem que ficar
No canto de pernas para o ar
Aguardando as solteiras em devoção
Arrumar um marido e cumprir sua missão

Entre os mais velhos, tem quem conta
Que antonio dá e antonio toma
Os bem antigos dizem que é
Bem melhor pedir para josé

Até hoje diz mainha
Fique feliz com sua companhia
Antes solteira do que só
Ficar em paz em bem melhor

Do que adianta casada está?
Se nem à igreja pode ir rezar
Nesse momento vem um incômodo
Mas o marido se acha dono
Melhor em casa tirando o pó
Só de contar é de dar dó
Antes solteira do que só

O melhor mesmo é ficar sozinha
Mesmo tendo a sua própria companhia
De vez em quando vem a solidão
Mas aí lembra de voinha
Que falava sem dar nó
Antes solteira do que só

Tem mulher que vale por mil
Mesmo sendo casada em seu estado civil
Percebe-se um vazio no olhar
Se pudesse faria voltar
O santo pisar com seu calcanhar
Pois o que se pede pode ser o pior
Por isso antes solteira do que só.

Eliane Câmera

ARGENTUM

Ânimos em chamas, chefe espumando de raiva por mais uma derrota. Ira aos quatro ventos. A reunião estava por começar, mas sem hora para acabar. Ele, pobre diabo, acostumado as humilhações e destemperos do malvado, não teriam como se safar. Condenado a labuta infernal sem direito a hora extra nem aposentadoria.

O patrão, tirano, possuía inveja insana do seu concorrente. Acreditava que um dia o derrotaria e seria líder no ramo. Vivia por arquitetar planos, os mais diversos, na tentativa de superá-lo, mas os esquemas perversos sempre acabavam dando errado.

A maldade e paranóia do infeliz era tão grande, que certa vez chegou a afirmar que haviam espíões infiltrados no staff nos boicotando. Ameaçou acabar com os malditos. Pavor instalado, cizanha imensa, meses de intrigas e desconfiança, até que dois infelizes, sem prova alguma, foram sumariamente condenados. Atitude típica do ditador.

Aqui, falsidade e fofoca correm soltas. Dizem, as más línguas, que o perverso começou sua carreira como assistente junior daquele que considera seu rival. Cresceu profissionalmente, destruindo todos que cruzaram o seu caminho. Conquistou a confiança do diretor geral e foi promovido o assessor da diretoria. Então, em ato de vilania, tentou aniquilar o Superior e foi escorraçado feito cão. Confesso que daria tudo para vê-lo naquela situação.

Infelizmente o desgraçado possui inteligência demoníaca. Pouco tempo depois montou o próprio negócio na ilegalidade, influenciando e aproveitando-se dos mais incautos. O estabelecimento cresceu de maneira inacreditável, mas sabe-se, não chega aos pés do patrimônio do grande Criador.

Ouvem-se passos, ranger de dentes, tremor. O tinoso entra na sala, calor insuportável, não se ouve um pio, ninguém se atreve a pisar enquanto ele crava os olhos em cada um de nós.

A reunião inicia.

-Minha vingança se concretizará. Tive uma ideia implacável! Sibila.

A sala, repleta de puxa sacos, aplaude.

- Algo revolucionário, inigualável! Desenhei um objeto capaz de hipnotizar a humanidade. O desejo é mais que tudo, será impossível viver sem ele. Gerará poder, usura, discórdia, ódio. Tudo que sempre almejei. Fará com que irmão mate irmão, esqueçam do pai. Por causa dele, surgiram vícios, destruíram fauna, flora, aconteceram guerras sem fim.

- Começou a megalomania... Alguém sussurra baixinho...

- Quem se atreve?! Berrou.

O hálito insuportável de enxofre empestia o lugar.

- Escoria de covardes! Traidores, incompetentes, imprestáveis.

Olhos em brasa recaem sobre mim. Sempre eu, escolhido por antiguidade.

- Você! Fale.

-Excelência, sua ideia é sem dúvida, incrível. Tem tudo para dar certo. O único empecilho, talvez seja elaborar o projeto de criação desse artefato tão grandioso. Qual seria o material? Que nome daremos a esse produto?

- Minha ideia é fantástica. Acha pouco?! Fará dos homens escravos e depois de escravizá-los, destruirei todos os filhos daquele que se considera “Supremo”.

- Está aqui para que?! Cretino. Faça o projeto, rápido. Se falhar será rebaixado ao quinto dos infernos!

- Tome o rascunho.

Jogou os garranchos em cima de mim e levantou-se.

- Você tem sessenta e seis hora e seis segundos para entregá-lo pronto. Agora, sumam daqui! Vociferou.

O estupor sempre concedia prazos ínfimos para execução.

Como fazer o tal “objeto fantástico”? Mais um plano que dará

em nada. Até porque aquele que “É, que sempre Foi e sempre Será”, já deve estar sabendo de tudo e como isso acabará.

Quanto a mim, não perderei tempo, destruirei esse absurdo. Quem sabe assim Deus me perdoa e ganhou um upgrade para o purgatório.

O jogarei nas chamas, em segundos estará tudo acabado. Finalmente, livre das trevas!

Estarrecido observa o crepitar das labaredas. A combustão se agiganta, o rascunho derrete, condensa, toma formato, endurece. Algo diabolicamente reluzente salta do fogo. Surge o mal de todos os males. *Argentum!

* Argentum: prata, dinheiro.

Karina Guerreiro de Sá

AS PALAVRAS

As palavras se gastam
com o uso
e se prostituem
com o abuso.

Rodolfo Pamplona Filho

ATÉ A ÚLTIMA GOTA

Até a última gota
Tentaremos buscar nossa essência
Aquilo que nos eleva a alma
Nos torna sensíveis apesar do carma

De andar no zigue e zague das nossas emoções
Controlando nossas pulsões
Almejando encontrar direções
Em tudo aquilo que nos dá sentido

Até a última gota
Apesar de toda escassez de sentimento alheio
Buscarei ser o melhor que almejo
Ouvirei o outro, mesmo quando não me derem ouvidos

Até a última gota
Agradecerei pelos amores
Mesmo se me ocasionar dores
Pois no substrato do mais interno sentimento
Sei que o amor resume-se a isso

Doar mais e doer mais
Ora, demasiado difícil é entender nós mesmos
Portanto buscar o acalento
Mesmo estando sedentos, torna-se imperioso

Até a última gota
Quero lutar para ser o melhor que consigo
Dentro dos limites obstados por todos os indivíduos
De acreditar poder mudar a obscuridade do que nos tem surgido

O tempo demasiado rápido
Os amores cada vez mais tardam
A vida cada vez mais passageira
Nós cada vez na espreita

De nos encontramos e rememoramos boas coisas
Acrescentando pulsão no nosso entorno
Almejando retorno
Naquilo que nos faz humano

Apesar de todos os percalços
Todos os dardos jogados
Contra aqueles que de nada servirão de agrado
Buscarei ser verdade em essência

Até a última gota...

Paula Yurie Abiko

BAILARINA

Sonhei em ser uma bailarina,
De alma pura, cristalina,
Leveza nos movimentos,
Precisão e elegância;
Era sonho de infância,
Mas não, não levo jeito,
Porque alcançar o perfeito
É sempre muito difícil.
Nem sempre o corpo
Acompanha a cabeça;
O horizonte se perde,
Os braços desmontam,
As pernas, às vezes, vão além
Do que o movimento permitiria.
Quem dera fosse eu
Uma clássica bailarina,
Com candura de menina,
Ingenuidade feminina
E corpo de mulher.
Mas o contemporâneo me seduz
E eu danço o que vier,
Ainda que desconheça os ritmos,
Que não acerte um ‘demi plié’ sequer;
Queria a fragilidade
De uma bailarina clássica,
Mas a vida não permite fragilidades
E, num passe de mágica,
Toco castanholas,
Torno-me inatingível,
Seduzo e afasto,
Beijo, abraço,
Viro espanhola.

E, no toque de um enigmático violão,
Meu rosto angelical despenca;
E minha alma ressurgue,
Certa, feliz, segura, plena,
Numa intensa e apaixonante
Dança flamenca.

Mírian Monte

BALA ACHADA

Dizem que a bala foi perdida
Sempre assim
Toda bala que se perde é achada
Em corpos negros

Dizem que é confronto
Em que a bala sai de um só lado
Para se confrontar com corpos negros
Que cambaleiam para as covas rasas

Dizem que isso é segurança
Feita para a elite branca
Na verdade a bala é fabricado
Para manter vidas negras mortificadas

Luciana Santos

BUSCA

Olho para dentro
de mim...
para dentro olho
e busco dentro
e revolvo o que há
dentro de mim.

Olho e vejo e creio
que há dentro de mim
aquilo que desejo.

Nem sempre encontro
dentro de mim
o que persigo em mim
há o perigo ali
dentro de mim.

Tudo o que está fora
também está dentro
aqui de mim.

Está aquilo dentro
esperando o tempo
de estar fora.

Tudo continua contido
dentro de mim e busco
às vezes fora o que está
dentro.

De mim encontro
e perco fora de mim
e volto a procurar
dentro.

O que procuro
novamente em mim
está inconsciente, com sono e letargia
dentro de mim.

Eu cavo fundo até
encontrar o sonho
que esqueci um dia
dentro de mim.

Lívio Oliveira

CAMINHOS

Onde irão
Meus caminhos
Se não sei
Onde pisar?
Aonde irei
Se não sei
Aonde ir?
As folhas
Que caem na cidade
São minhas lágrimas
E estes caminhos
São tão secos
E não há nada
A seguir.
Como amar
Quem não sabe
O frio do mar
No inverno?
Como amar
Quem não conhece
Os detalhes eternos
Da minha solidão?
Como amar
Quem não sente
Meu suor?
Como amar
Quem não sabe compartilhar
Meu espelho?
Nem meu prato
Ou apaga
A minha luz?

Nely Nazareth

COIMBRA EM RITMANÁLISE

A primeira coisa que impactou o olhar e os sentidos dessa “caloira” brasileira em Coimbra foi a relação diferente que a cidade tem com o tempo. Aqui a divisão temporal em unidades como anos, meses, semanas e dias é regida pelo calendário acadêmico da Universidade de Coimbra. Por isso, numa espécie de subversão do calendário civil, nessa cidade o ano começa em setembro. Mas, antes que a gente se dê conta, já estamos adaptados à cidade, vivendo em total sincronicidade com as mudanças provocadas pela passagem do tempo.

Coimbra nos envolve em seus ritmos, nos seus fluxos e na sua geografia. A cada nova estação uma experiência de transformação é compartilhada entre as pessoas e a cidade, numa constante e intensa ritmanálise. A vivência do cotidiano coimbricense proporciona uma reflexão muito profunda e existencialista, é como se olhar para fora nos permitisse enxergar também dentro de nós.

No encerramento do verão em setembro, a cidade começa a se despedir das folhas douradas das árvores ao mesmo tempo em que saúda a chegada dos estudantes da Universidade. Esse período é marcado pela inesquecível trilha sonora das rodinhas das malas girando nas pedras portuguesas no sobe e desce das ladeiras. A partir daí até quase dezembro a chuva de folhas transforma as ruas da cidade num gigante tapete amarelo e torna-se o palco onde ecoam os sons de incontáveis idiomas, da vibrante música das tradicionais tunas estudantis e das cantigas das praxes.

Definitivamente, o outono coimbricense é um espetáculo de som e cor, mas pode ser tão triste quanto bonito. Afinal, a estação em que tem início as aulas coincide com um tempo de entrega. No outono as árvores perdem as folhas, esvaem-se até restar apenas o essencial. Assim, em cada tronco permanecerá apenas o que os mantém de pé. Presenciar essa transformação da natureza é poético e pessoalmente simbólico, afinal, nós que aqui chegamos estamos sob o mesmo imperativo de despedida: deixamos nossos países e cidades, os velhos hábitos e rotinas, estamos distantes de tudo que é íntimo ou conheci-

do. Um trimestre que começa com renúncias e mudanças é também muito doloroso, difícil e lento.

Mas essa é também uma etapa de fortalecimento. Coimbra vai nos ensinando que toda essa abdicação é preparatória e necessária para mudanças ainda mais profundas que virão em seguida, durante o inverno. Então, até por questão de sobrevivência, é preciso renunciar, deixar ir, desfolhar. O outono é um processo de descoberta da resiliência, através dele descobrimos a capacidade compreender e até admirar esse processo gradual, oneroso e introspectivo de transformação.

O outono se vai e muitos estudantes também. Quando dezembro chega Coimbra passa ter árvores e ruas praticamente vazias. No cenário há menos cor e menos som. Inicialmente, as últimas folhas ainda persistem nas árvores, mas essa resistência apenas adia brevemente as renúncias inevitáveis. Logo aprendemos que de nada adianta o esforço para tentar passar incólume pelas estações, essa obstinação inócua só causa angústia e sofrimento. Esse é o momento de resignar para perseverar.

O inverno chega deixando a cidade cinza, molhada, fria e melancólica. Os sacrifícios outonais são assustadoramente perceptíveis, e as vezes é difícil acreditar que aquela paisagem urbana tão frondosa e iluminada agora aparece tão árida diante de nós. Uma chuva fina e duradoura encharca os dias que ficam mais curtos, a garoa densa e opaca causa uma cegueira matinal, os ventos gelados se intensificam provocando tremores e arrepios num cenário feito sob medida para o estado de apatia e desânimo. Daí surge o medo de que, nessas condições, essa estação seja impossível de se superar. Como será possível enfrentar o inverno após se despirmo no outono?

O olhar atento ao funcionamento desse ciclo natural compartilhado com a cidade nos permite constatar que Coimbra e suas árvores enfrentam as intempéries do inverno mesmo sem flores e sem folhas. Isso traz um alívio inexplicável e é um aprendizado riquíssimo. Desfolhar é justamente o que permite salvaguardar forças e energia internamente para sobreviver ao inverno. O que parecia um ônus em princípio, a cada dia se transfigura na descoberta de força, coragem e autonomia. Afinal, assim como em cada árvore dessa cidade, está dentro de cada um nós o segredo para vencer as fases mais difíceis da vida.

Então, superado o inverno, estaremos finalmente prontos para a renovação da primavera e para aproveitar o calor e a luz do verão que vem em seguida. Porém, esse tempo ainda não chegou e não é possível adiantar ou pular etapas. A partir de agora, o sol pouco a pouco começa a se abrir novamente e cada dia apresentará mais transformações e novos aprendizados tanto para Coimbra quanto para quem vive aqui. É preciso paciência para compreender que a vida é feita de ciclos e que a passagem por cada um deles é inevitável e merece ser intensamente sentida e vivida. Essa afinação especial com a cidade seguindo a cadência das estações nos premia com essa capacidade de enxergar e admirar a beleza da impermanência da vida. Obrigada, Coimbra.

Analice Nogueira Santos Cunha

CORDEL DA ADVOCACIA

Que seria do mundo
Sem a advocacia
Dona Maria
E até Seu Raimundo

Viveriam com frio
Sedentos por justiça
Em areia movediça
A ver navio...

Que seria do mundo
Sem a advocacia
Maior seria a agonia
Coitado do Seu Raimundo

Sem aposentadoria
Filho preso injustamente
Passa noite entra dia
Não há mesmo quem aguente

Que seria do mundo
Sem a advocacia
Oh, querida Maria
De sentimento profundo

Vendo o rebento faminto
Furtou dois pães
No mais lídimo instinto
Preso, apelos vãs

Mas eis que surge o causídico
Humano, de fé e abnegado

Sem cobrar nenhum centavo
Era seu Advogado!

E então fez-se a justiça
Nessa terra de mutretas
Onde rei mama nas tetas
Mas ao pobre, a sarjeta

Para quem quisesse ouvir
Em alto som repetia
Maria em alegria
Passado, Presente, Porvir...
Que o mote desse cordel
Oxalá alcance o céu
Todo santo, santo dia
“Que seria desse mundo
Sem a advocacia!”

Tiago Silva de Freitas

CRÔNICA: DONA MARIA

Dona Maria tinha olhos castanhos cor de mel. Nos dias ensolarados, chuvosos ou neblinados, sentava na sua cadeira verde, já um pouco gasta pela continuidade do uso. Punha as mãos, cheias de anéis de metal, sobre o colo e, com seus colares coloridos, o cabelo quase arrumado, a pele maltratada pelo tempo e o olhar de quem já viu demais, observava o Tiago brincando alegremente com a bicicleta velha e sem correia, a Aninha, cheia de afeto, com as bonecas muitas vezes sem braços e a Dudinha, se aventurando num patinete que andava apenas na sua imaginação, as crianças cresceram ali, no mesmo local que ela havia crescido, seus netos. Na paisagem que Dona Maria via do local que chamava de lar tinha algumas árvores, cercas de madeira e um espaço grande, alguns porcos no quintal e cachorros, amados como Pedro Bala amou Dora, e talvez carregados do mesmo fim. Já no meio da tarde, a voz da vó doce chamava a todos para desfrutar do almoço achado, hoje tem carne com macarrão, gritava ela, e, como numa convocação para o baba, corriam, sentavam na sua roda e desfrutavam da sorte que tiveram naquele dia. Sorte que podia ser rotina, presente que devia ser normal.

Muitas vezes encontravam livros já esquecidos e mergulhavam naquele desconhecido mundo de letras, algumas figuras, e páginas coloridas, muitas vezes manchadas, de café, óleo, poeira, mofo...Mas coloridas, como o mundo em que viviam, e desse jeito passavam os dias, numa aventura única, onde não é preciso, nem mesmo possível, qualquer cobertura de cetim, algodão ou lycra no corpo, mas há os melhores sorrisos servindo de adorno. Adorno de corpos suados, de um trabalho detalhado, cuidadoso, não infantil, sujo, como seus corpos, com manchas de graxa aqui e ali, uma sujeira qualquer nos cabelos e algum arranhão.

Ao anoitecer, suas camas eram as mais simples, se assim pudessem ser chamadas; chão frio, alguns lençóis sujos e qualquer travesseiro descartado por alguém que nesse exato momento está com outro ainda melhor. A casa também era a mais simples, se assim pudesse ser

chamada; quatro pedaços de lona esticada, madeira nos cantos e o que o bom Deus tivesse mandado para ajudar a protegê-los da chuva, do vento e da morte. Da Terra. Do chão. Do lixão que tiravam o seu sustento. Eram sacolas incontáveis, vindas dos carros que chamavam carinhosa e alegremente de comedeira, caçamba ou mesmo caminhão, sacolas que traziam os 40 reais por semana, o brinquedo quebrado, o livro velho e a roupa usada, qualquer coisa que ninguém quis antes. Sob o sol quente e sobre as montanhas de descartados, catavam, reviravam, gritavam: Achei! ...E choravam por terem tanto. E entre os cheiros de estrume, comida estragada e vasos de perfume quebrados, respiravam, viviam. Criaram um lar sem casa, singular numa época onde existem tantas casas sem lar.

Essas crianças são os heróis mais carregadas de sonhos que se pode ver, e no meio do que outros chamam de nada, brilham, protegidas por Dona Maria, já cansada, mas que todos os dias chama para se alimentarem, nem sempre na mesma hora, quase nunca farto, não nutritivo, mas unidos, extraordinários, eles são lar, alegria da Dona, que hoje já não sonha com amores da vida ou a novela das 7, talvez ela não sonhe, mas brilha pelas crianças, gosta é de ver cada guri brincar, vai que eles estudam, tiram a sorte grande ou são vistos por Deus, ali, no sertão da Bahia, nos dias ensolarados, chuvosos neblinados onde ela pensava “um dia a vida melhora”, entre sacolas, restos, brinquedos descartados, moscas e lixo havia uma ilha das flores, onde Dona Maria tinha esperança e observava o dia e as crianças com seus olhos castanhos cor de mel.

Nadine Hellen Reis

DARIA TUDO

Para escorregar em tobogãs de lama sob a chuva, como aqueles de Woodstock.

Tudo eu daria para caminhar sereno e protegido junto a leões da Namíbia.

Tudo, absolutamente tudo, para nadar nu com sereias negras em Maputo.

Tudo para voar pelos céus nordestinos a bordo de um planador cheio de autonomia e leveza, chegando perto, bem perto de Deus e Santa Teresinha.

Eu daria tudo que pudesse para ouvir Joan Baez no dia do meu (novo) nascimento.

Eu daria tudo, tudo, tudo para que os meus sonhos (também) nascessem novamente.

Lívio Oliveira

DE PASSAGEM

Acabo de derramar os olhos sobre a noite. Nem a Lua se atreveu a estender sua redonda toalha de máxima luz para secar-me as beiras. Estou transbordada em comportas de profundas águas, nesse reino de dimensões alheias aos meus sonhos tão costumeiros. Há de haver alguma razão um tanto quanto compreensível para esse vislumbre quase estrangeiro de ‘um algo’ acorrentado às profundezas dos sentidos. Ouço falar que viver seja um canteiro cheio de sementes em constante brotar de latentes esperanças, feito crianças recém-nascidas, naquela incrível (e constante) surpresa de mundo! No entanto, bem sei o quanto gastos já estão meus passos, reconheço o cansaço sobre os ombros, a prematura tristeza que se aconchega sem licença nesse lugar secreto por onde me habita a alma...

Acabo de inundar os olhos ao redor da noite, até alcançar a base silenciosa do horizonte. Não. Não sou de fino trato para reconhecer em mim um infinito a contento. Sou daquelas criaturas toscas, perdidas no labirinto interminável de um destino sem sinalização concreta. Estou à procura da melhor parte em que em mim se acenda a palavra propícia para os sentidos da vida. Estreita correnteza de vida própria que me enquadra criatura terrena - do barro, da pedra que veio do alto, do pó respingado do universo, da teia do milagre moído que sobrou dos ossos daqueles tantos vindos ao mundo antes de mim. Sou aos pedaços. Quebra-cabeças em estilhaços. Sou de pedra, também sou aço. Sou rio seco sem fundo, mar salgado, ardido, abismo profundo. Sou folha verde, folha seca, grão germinado, semente. Do pó das estrelas dizem que vim. Daqui a pouco vou além, para bem adiante do fim.

Acabo de perder-me diante dos olhos negros da noite. A redonda toalha de máxima luz da Lua seca-me as beiras. Em todas as possíveis consequências, sou aquela que não compreende. Mas não desiste. Porque a mão que procura a chave da porta é a mesma mão que se tranca intacta, que cobre os olhos para não ver o amargo da rota e recolhe silêncios para estancar a garganta. Porque sou em pedaços.

Sou daquelas criaturas toscas que segue à risca o ponteiro da bússola.
Depois disso, estarei de volta. Habitando no vento, na folha, da pedra
ao barro, à borda da alma, aguardando carona até a próxima estação.

Nic Cardeal

DESEJOS DE MUDANÇA

Desejo é mudar de dimensão...

Quero fugir da roda vida!

Escapar dessa centrífuga!

Escapar da gravidade... da atração por si mesmo!

Não sou e nem quero ser o centro de nada - fora egocentrismo!

Deve existir esse outro lugar...

Um lugar aonde a generosidade, o compartilhamento e o amor verdadeiro existam.

Que sejam regra... sem ser obrigação!

Dirão: esquece, seu louco! Esse lugar não existe!

Responderei: Incrédulos! Já acumulamos tanto... já construímos tanto...

No lugar do individualismo, por que não acumular generosidade?

Por que não deixar de nos meter na vida dos outros?

Por que não começar a cuidar mais do outro?

Sem moralismos... falsos e exagerados!

Esses sempre nos atrapalham!

Repetirão: Ah, professor sonhador... Desiste!

E eu retrucarei: Desista você... aliás, você já desistiu!

Enquanto você desiste...

Eu vivo e sonho!

Sonhar é meu alimento!!!

Nilzo Felisberto

DIFERENÇAS

Há uma diferença
entre ser discreto
e esconder segredo

Há uma diferença
entre ser sincero
e agredir verbalmente

Há uma diferença
entre ser verdadeiro
e expressar ódio

Há uma diferença
entre ser livre
e abusar do poder.

Rodolfo Pamplona Filho

DOMINGOS FORA DO TEMPO

Aos domingos a gente deve esquecer o tempo. Não se aconselha olhar de soslaio em direção ao passado. As beiras salpicadas de gotearas da janela que dá vistas ao horizonte não são boas inspirações para a sede da saudade. É bom que se guarde em suspenso aqueles sonhos mais atrevidos, ainda que domingos sejam propícios para amores tão aguardados - ou esquecidos.

Não se deve angustiar esperas aos domingos. Nem fantasiar realidades improváveis. Domingos são tecidos da mais fina fibra de esquecimentos. De fácil ruptura, a lâmina tênue que cobre por inteiro um domingo, desde o seu começo até o seu último suspiro, é passível de estranhos desvios. Não se trata de caminhar sobre sonolências estrangeiras, mas daquele torpor característico de um dia fora do tempo, onde nem carneiros suportam pular fronteiras em direção às insônias tão costumeiras.

Aos domingos a gente deve subornar o tempo. Fazê-lo amigo, nem que seja necessário oferecer-lhe a gorjeta do devaneio. Entregar-lhe um belo sonho a olhos vistos, oferecer-lhe boa música, com direito a outras histórias, uma prosa ou boa poesia de sobremesa. É absolutamente necessário prover-se de esquecimentos aos domingos. Porque memórias dormem domingos inteiros. Memórias não funcionam em dias fora do tempo. É preciso que nos acostumemos ao estancar das horas nessas horas. Nada há que fazer sentido. Deixemos nossas roupas em desalinho, sapatos descompassados, gravatas frouxas, vestidos dependurados, meias-palavras em vias de serem ditas, portas e janelas entreabertas a sonhar supostos ventos, e bons suspiros em suspensão de eventos. Nada há que conter perigo.

Em domingos de desenganos é de bom tamanho que não nos esqueçamos de esquecer as estradas tortas, as vistas gastas, as linhas retas, as dores loucas e a alma exausta. Que a gente só não esqueça da poesia posta à mesa - porque poetas n'algum dia também terminam. Ainda que depois da alma sejam tecidos de eternos domingos fora do tempo.

É CONCRETO, FERRO E CIMENTO

É concreto, ferro e cimento
É cimento, ferro e concreto
É a dureza do sofrimento
E a sociedade que não quer ficar perto.

É um local cinza e escuro
É uma quadra no corredor
Sem perspectiva e sem futuro
Que não te protege da dor.

A estrutura é “motivacional” (sqn)
Te conforta e te convida
É uma cadeia medieval
Que anula a sua vida.

Dizem que serão ressocializados
Que não muda, só quem não quer
E só continuarão marginalizados
Se não tiverem fé.

Fé em Deus e nas crianças
Na “dotôra” e no “dotô”
É manter a esperança
Crer que a “Lili” cantou.

O filho chora e mãe não vê
O sangue é puxado a rodo
Ninguém acredita em você
É suspeita o tempo todo.

Parte da sociedade acredita
Que lá dentro é molezinha
Ninguém se reabilita
Vai chegando o fim da linha.

Não há o colorido
Não rola uma mudança
É cimento, ferro e concreto
É cimento, ferro e concreto
É cimento, ferro e concreto
E a sociedade que está presa paga a vida como fiança...

Vou parando por aqui
É estranho fazer poesia
Não há como sorrir
É tudo cinza todo dia.

Samuel Lourenço Filho

ELA

Eram cáquis e margaridas
Os presentes da conquista
Serenata, poesia e canção
Para enganar aquele sincero coração
Tem amor que é embuste
Às vezes, demora-se para enxergar
Dá tempo até de criança chegar
Uma mãe nascer
Dos filhos, sozinha cuidar
E querer, para sempre, os amar
Nasceu alegre e azulzinho numa sexta à tarde
Para brindar a força das mulheres
No dia das bruxas
Tempo depois é que descobriria o malabarismo em seus pés
Cada ano, uma vitória
Nos álbuns, tantas recordações
De momentos especiais na luta diária
Ela logo chegou
Poesia da vida
Alegria da primavera
Flor do meu jardim
Cor e riso
Fantasia real
Continuação das ancestrais
Onde estiverem
Quero estar em seus caminhos
Por saber o que era o amor, sorriu ao entardecer da vida
Jóias preciosas
Amadas e amorosas
À espera do dia 09

Para fechar mais um ciclo
Mais uma dezena
Para comemorar
Mais dias para sonhar
E acreditar
Que tudo já foi
E que tudo ficará
O dia amanhece
Os passarinhos voltam a cantar
O sol a luzir
O mar a vibrar
A política a doer
Atrás do dinheiro correr
Não adoecer
Um caminho a trilhar
Ser menina, jovem, mulher, mãe
Ver o tempo passar
Não saber o que esperar
Ser avó, quem sabe?
Só o tempo dirá
Daqui a cem anos, uma semente de mim se lembrar
Com minha fotografia na mão, ao querer sua história resgatar
Vai saber que vieram as Antônias, as Marias, as Franciscas, e as Anas
Muito antes
E que o tempo vai passar de novo
Dos ventres
Novas vidas a desaguar
Nas correntezas que começaram
Nas veias abertas da cacimba poética
Das águas levadas no lombo de jumento
Nas sangrias das barragens e açudes
Antes do sertão virar mar
Que é para a força dessas mulheres
Ser lembrada

As apanhadoras de algodão
Imortalizar-se nos cactus que cuidou
As agricultoras com seus balaios na cabeça
Com as enxadas nas mãos
Cuidando de seus roçados
Alimentando uma geração
Para as outras que virão
São águas de mim
Águas que passam
Águas que ficarão
Fiz riacho no meu ser
Águas doces que escorreram pelas pernas
Toda sangria que não pode ser parada
Barragens incontíveis de sentimentos
Águas salgadas que desceram pelos olhos
A vida perdida e passada faz falta
Porque foram águas que rolaram
Que passaram e regaram tantas vidas

Ezilda Melo

ELA COM A, ELA DO B

Ela com A
Ela com Afeto,
Amor e Admiração

Ela do B
Ela do Barraco,
Briga e Batida de frente

Ela com A
Ela com Amizade,
Abraço e Ação

Ela do B
Ela com Birra,
Bolacha e Batalhas

Ela com A
A mulher que sonhei
para mim

Ela com B
O pesadelo que
sempre temi

Ela com A
Ela do B
Duas pessoas
em um mesmo ser.

Rodolfo Pamplona Filho

ESCREVO-TE...

Escrevo-te hoje para que me leias ontem

E saibas que,

Simplesmente,

Não existe nada além

- do instante

- do verbo

- e do som do vento enquanto respira

Quasificamos tudo.

Quase-alegria, quase-sonho, quase-saúde

Quase-arte, quase-amor, quase-vida

- não estamos vivendo, é verdade,

Mas por que haveríamos de morrer demais?

Sê o que és

E aceita a espera

Que nem sempre há lugar no caos

Henderson Fürst

ESSA PALAVRA DADA A VERMELHOS

Você sabe a diferença
entre os polos ártico
e antártico?
De serem polos,
diferentes não são.
A diferença
não é polarização!
Não se colhem poemas
nos polos.
O poema habita dentro!
Lá onde o sertão
é o meio de todos
os tecidos e camadas.
Ali onde o mundo
é o útero da vida.
Poemas, até quando
tatuados na pele
foram plantados
nas paredes de Deus.
Deus é útero:
Lugar de todos
os começos!
No polo ártico
não há terra por baixo
das geleiras.
Veste sem corpo investido.
Lá não se plantam poemas.
O ártico é
norte demais!
Quer brincar de Deus
onde não há terra.

Deus é fértil!
Nas profundezas da antártica,
ao sul
das últimas palavras conhecidas,
lá estão
as palavras que restam
por nascer!
Quando as geleiras derretem,
o sol faz brotar uma nova espécie
de amor, essa palavra
dada a vermelhos,
tão infensa
à brancura
escura do gelo.

Luciana Pimenta

ESTRADA

Anda por essa estrada, só,
Caminha sem olhar para trás.
Passa por vilas e aldeias,
Não para até encontrar
O lugar que te reserva.
Anda só,
Por estradas poeirentas,
De barro,
Que parecem não ter
Mais fim.
Anda, enfim.
Não para,
Caminha por essa estrada
Sem fim,
Sem olhar para trás.
Deixa para trás
Tudo o que ficou.
Anda por esta estrada, só,
Que se chama vida.

Cacau Novaes

EU NÃO QUERO SER ESSE HOMEM!

Entre todas as portas de celas pelas quais já passei nas prisões deste país, e foram muitas, talvez as mais cruéis a separar o mundo dos livres do mundo dos presos sejam as de ferro. Há as celas em que as portas são de grades, logo recebendo lençóis e panos para evitar luminosidade, umidade ou frio; há aquelas que sequer portas têm, destruídas que foram pelo tempo e também pelas intempéries humanas e existem até mesmo “não portas”, mas tábuas reaproveitadas e adaptadas a fechar vãos que dão acesso a tocas escuras. Mas as de ferro para mim, não sei se para os detentos, sempre doeram mais.

Não muito tempo atrás planejei uma inspeção no sistema prisional sob minha jurisdição, para mais uma vez avaliar o colapso da superlotação e todas as violações à dignidade humana dela decorrentes. Porém, dessa vez comuniquei a imprensa, olhos e ouvidos da nação como já dizia Ruy Barbosa, avisando que se desejassem poderiam comigo entrar, conversar e entrevistar detentos e ver a situação in loco do cárcere. Assim, no dia marcado, logo depois do almoço fui encontrar com os repórteres na unidade. Ao me aproximar do complexo prisional, de longe eu os avistei na frente do portão. Pedi ao assessor que dirigia o carro que parasse perto deles para eu descer, orientando-o a seguir e procurar um lugar para estacionar no interior do prédio. Cumprimentei a todos e os convidei para subirmos juntos a rampa de acesso até a administração. Assim que o gestor responsável e a quem eu havia avisado da visita minutos antes nos encontrou, eu expliquei qual seria nosso percurso, fazendo uma breve preleção aos repórteres. Avaliadas as questões de segurança, seguimos caminho, acompanhados de agentes penitenciários e de representantes de sua associação, a quem eu igualmente havia minutos antes avisado e esclarecido que seria um bom momento para relatarem as graves condições de trabalho a que estavam submetidos.

Enfim adentramos no cárcere. Não possuo condições de relatar a sensação que os profissionais da imprensa tiveram, tampouco a expectativa criada nos detentos. Não sei dizer o que eles pensaram ao ver aquela massa de pessoas em suas camisetas e bermudas vermelhas, com chinelos de dedo, amontoando-se para conversar comigo. Não sei dizer nem mesmo qual foi sensação dos detentos ao saberem que o juiz lá estava não para colher seus pedidos, seus muitos pedidos, mas sim para denunciar ao mundo a condição em que eles estavam vivendo, mostrar suas celas com as paredes rachadas, rebocos vertendo água, os varais improvisados, fios de energia repuxados, “bois” (buracos usados como vaso sanitário) precários; especialmente mostrar a desesperadora falta de espaço, com 12, 16, 20 seres humanos ocupando cubículos feitos para 4, 5, 6, no máximo 8. O que sei dizer é somente sobre o meu sentir, nada mais. Para isso descreverei um episódio entre os ocorridos nas quase duas horas que ficamos, juiz, assessor, agentes penitenciários, detentos e repórteres, todos juntos dentro da cadeia.

Pois bem, na última galeria em que adentramos, a mais superlotada, as celas eram fechadas com as portas de ferro no início deste texto mencionadas. Em geral, quando faço inspeções ordinárias, peço que os detentos saiam dessas celas e se dirijam ao corredor central, de onde eu os avisto e com eles converso, entregando-lhes formulários e canetas para que possam preencher e me devolver antes de meu retorno ao Fórum. Naquele dia isso não seria possível, diante de toda a dinâmica que ocorria. Assim, eu falaria da portinhola, pequena abertura no meio da porta de ferro de cerca de 30 cm de largura por 15 cm de altura, trancada por fora com uma espécie de basculante também de ferro.

Quando chegamos na galeria eu iniciei a passagem pelo corredor, seguido por todo o grupo. Olhando para aqueles umbrais de metal, eu sabia o que havia por detrás, eu sentia a presença humana, os corpos de carne e osso com corações pulsantes de esperança e mentes ávidas por razões que justificassem continuar acreditando na possibilidade de vida após a prisão. Então eu bati na portinhola da primeira cela, comunicando a minha presença, e um dos agentes penitenciários a abriu. Os detentos, alguns deitados nos catres, outros no chão, reconhecendo-me logo se levantaram, colocaram suas camisetas e se aproximaram. Muito embora eu tenha explicado sobre o motivo da minha visita, sobre a presença dos repórteres, eles insistiram em me

fazer pedidos, a respeito da situação processual, atendimentos à saúde, transferências para a penitenciária, pedidos de toda sorte. Algumas solicitações eu consegui que o assessor anotasse e um par de cartas e pedaços de papel com nomes de detentos eu recebi. Mas então, depois que a imprensa se deu por satisfeita e eu tentei me afastar, mais e mais detentos se revezaram por detrás da portinhola, chamando-me. Com o respeito que qualquer ser humano merece, eu repeti mais uma vez que não poderia atender naquele momento. Por fim, desconcertado e impotente, falei que teria que levantar a basculante e fechar a portinhola. De certa maneira eu estava lhes pedindo permissão para isso. Eles entenderam, balançaram a cabeça e agradeceram. E eu levantei a basculante.

Não foi nem em uma nem em duas celas em que isso aconteceu, foram em todas pela qual eu passei naquela galeria. Em todas eu precisei explicar repetidamente o motivo de minha presença e em todas eu pedi permissão para cerrar nosso contato. Mas não foi só, houve algo mais. Muito embora autorizado pela maioria dos detentos, na última cela eu não consegui fechar a portinhola. Fiquei ali parado, olhando para aqueles jovens pálidos dentro daquela cova escura. Minha mão direita segurava firme a maldita portinhola abaixada. Eu não a mexia. Assim fiquei por uns segundos, até que um agente penitenciário se aproximou e educadamente falou: “deixe que eu fecho doutor”. Mecanicamente dei um passo atrás e soltei a portinhola, que foi fechada.

Koltès, dramaturgo francês que viveu no século 20, uma vez disse que “A crueldade não é quando um homem machuca o outro, ou o mutila ou o tortura ou lhe arranca os membros e a cabeça, ou mesmo o faça chorar; a verdadeira e terrível crueldade é aquela do homem que torna o homem inacabado, que o interrompe como reticências no meio de uma frase, que vira as costas para ele após tê-lo olhado, que faz do homem um erro do olhar, um erro de julgamento, um erro como uma carta a ser escrita e que ofende logo depois de escrever a data”. Eu não quero ser esse homem!

João Marcos Buch

EXISTIA UM MUNDO INTEIRO ATRÁS DAQUELES OLHOS

“José morreu, minha mãe”

Em um dia assim qualquer /

Acordado de olho, mas adormecido por tudo /

Depois de um mar de tempo / depois da pena, sem pena, uma pena /

José não voltou /

E uma revolta retumbante chegou /

Como se tudo acabasse ali, naquele lugar /

Pensei no fim, enfim não mais viver /

Estão lá, esquecidos /

Estão lá, mal vestidos /

E o peso da vida /

E o peso da estrada /

Culpa? não se sabe / talvez desse mundão de Deus /

E os anjos seguem caros na feira do pão /

Muito fácil de odiar e tão difícil de amar /

Não fazer é matar / matamos um mundo /

Existia um ser despedaçado, porém íntegro /

Existia uma criança / um velho / uma mulher / um homem /

Um homem-mulher / uma mulher-homem /

Existiam 256 odus de mãos dadas com uma santíssima trindade.

Existia um mundo inteiro por trás daqueles tristes olhos...

Renato S. S. Schindler Filho

FORMOSA ÉS TU, ARACAJU

Ó minha Aracaju!
És bela e formosa,
Pequenina e tão graciosa,
Amada és tu.

Em teu seio, permaneço.
Aonde quer que vá,
De lá, mando-te beijos.

Ah... a saudade deita-se em meu peito.

Nas praças, boas conversas.
Às portas, um eterno prosear.
Nas praias, delícias a degustar.
Como não te amar?

Aqui nasci, aqui me firmei.
Aqui me fiz mulher,
Aqui morrerei.

Em teus braços, sou para sempre criança.
E faço dos seus encantos eternas lembranças de minha infância.

Abraças quem em ti tem raízes
E acolhes aqueles oriundos de quaisquer cidades e países.

Ó minha Aju, podes crescer,
O mal forasteiro aparecer
Mas a tua beleza há de permanecer.

Amo-te e amar-te-ei por todo o meu viver!

Viva Aracaju,
Terra boa do meu bem querer!

“O Mundo de Lola” – Laura Cecília

GATA PERIGOSA

Dengosa, mimosa e taciturna.
Tão calada, mas tão astuta.
Sabe que me arranha e me assusta,
Com um pequeno beijo na nuca.

Minha gata manhosa,
Porque brinca com as minhas feridas?
Faz-me de um rata inimiga,
Sempre acuada e aturdida.

Faz carinho, e me afasta.
Me dá cheiro, e me desgasta.
Sou uma mera vítima,
das suas garras.

Por isso, entre lambidas e esfoladas,
miados e cantadas,
Busco forças para deixar,
De ser sua caçada.

Elizabete de Araújo Souza

GUERRA

Nessa guerra eterna,
Entre honras, entre egos
E dogmas machistas,
Resolvi me assumir artista.
Eu canto, danço
E me equilíbrio em versos;
É complexo,
Mas o poema é meu carma.
Não empunho armas,
Muito embora tenha boa mira.
Sei que há quem as prefira,
Mas já me acho perigosa
Só porque eu porto rosas
Carregadas de espinhos
E domino a arte do carinho.
Sei deixar em desalinho
Os lençóis de uma cama,
Sei manter acesa a chama,
O tal fogo amigo e amante,
Antes, depois e durante.
Nessa guerra eterna,
Entre o amor romântico,
Entre o amor próprio,
Minha arma é o ópio
Que forneço com um beijo
Atiçando todo tipo de desejo.
Nessa guerra sem consenso,
Ora perco, ora venço,
Ora ataco, ou me defendo
E só uma palavra compreendo:
Amor. Simplesmente amor.
Seja ele como for,

Será, sempre, a minha bandeira
Quer o mundo queira,
Quer o mundo não queira.

Mírian Monte

HIPOCRISIA

Falam muito fazem pouco
Dizem sempre querer bem
Neste mundo muito louco
Só não mostram para quem

Buscam justo pelo certo
Mas a vida prega susto
Pois olhando bem de perto
Algum certo não é justo

Alguns vivem livremente
Porém nunca como iguais
Mas equivocadamente
Se intitulam como tais

Mas não fique atordoado
Muito longe não estamos
Eis aqui ao nosso lado
São hipócritas humanos

Claudio Melim

HOJE DANÇAMOS NA COZINHA DE MANHÃ

Hoje dançamos na cozinha de manhã
apesar da ressaca dos recentes acontecimentos
Nos últimos tempos há algo, sempre algo, acontecendo
e nenhum dia parece propício para dançar mas
que bom que nos conhecemos em tempos mais delicados
e era permitida certa felicidade ingênua que agora parece tão
despropositada

naquele tempo acho que também aconteciam coisas intragáveis
e só não tínhamos ainda a densidade de digeri-las
e hoje nos culpamos por não ter sentado à mesa no tempo certo
e provado do amargo desse café e virado a mesa
(como se pudéssemos nós só por não adoçarmos o café virarmos
a mesa)

Saber é sempre um salto e já faz uns anos que estamos caindo
mas prefiro pensar que em qualquer tempo em que nos
conhecêssemos

inventaríamos levezas como inventamos agora
apesar da preparação pro dia de ponderação sombria
de pesos e medidas
e perdas e mais perdas.

Eu gostava de matemática no colégio
quando estudava as somas
não sei contar perdas porque é como contar nada
e ninguém tinha dito como o nada se avoluma

talvez a professora de literatura
mas prestávamos mais atenção na gramática
para brincar com as vírgulas das orações
o que também é um jeito de rezar nesses dias tão descrentes.
Ao menos dançamos na cozinha de manhã
como se o dia não fosse pisar no nosso pé
como se não fosse tão incongruente ser um pouco feliz
mas talvez seja mais incongruente não dançar na cozinha de
manhã
quando cada vez mais o que nos resta é dançar na cozinha
e abraçar como quem empresta
uma armadura a cada despedida.

Mariana Imbelloni Braga Albuquerque

HOMEM TRABALHADOR

Dizem que segunda-feira é dia de branco, mas nela o sol também castiga a pele negra do homem trabalhador.

Que trabalha, luta e busca pela redenção divina;

Com toda a sua força nas calçadas de pedra: uma ilusão!

De encontrar a paz que traga tranquilidade;

De encontrar o amor que traga felicidade;

Para acabar com a fome que mata a sua família;

Alimentando a esperança que marca a sua vida;

E o desabafo é o som! É a voz do coração... que diz:

Estou desempregado, sim, eu sei, mas não sou um ninguém;

Respeite o meu direito e as suas leis e não me trate com desdém;

Prometeram saúde e educação;

Que dariam trabalho e uma profissão;

Garantir segurança e a paz;

Mas nem o respeito eu tenho mais.

Estou desempregado, sim! Eu sei!

Lucas Gabriel e Luis Wagner

INVASÃO 1977

Sim, estávamos lá.
Fomos presas e fichadas.
Aquele grupo idealista deu a cara para bater.
Era importante para nós.
Tenho orgulho de nossa coragem.
Xingaram-nos de trouxas inocentes úteis.
Bateram mesmo, em muitos e muitas.
Os colegas espertos não estavam lá,
No QG do II Exército.
Só os desavisados estudantes da USP e os “profissionais”
Que pediam liberdades democráticas.
Mulheres na quadra coberta, debaixo de baionetas,
Sufocadas pelo gás lacrimogêneo.
Homens ao relento, sob chuva fria.
Meus pais do lado de fora, implorando por notícias.
Como eles sofreram com essa militância!
Assim construímos a democracia: com dor.
Mudamos muita coisa.
Mas, e agora?

Luiza Nagib Eluf

INVERNO EM ITACIMIRIM

Ondas de chumbo morrem em pálido litoral.

Canto grave entoa no céu nebuloso.

Uiva o vento em desatino.

Irrompe o som e a vida.

Árvores valsam em descompasso.

Estrilam as palhas dos coqueiros.

Melodia que silencia a alma.

Montanhas cinzas planam no céu.

Lágrimas das nuvens deslizam no rosto.

Gélida areia entrelaça os pés.

Longos cabelos embaraçam o pensamento

Vibra o coração feliz.

Espelho da natureza

Preenche o horizonte infinito.

Relembra sou tempestade.

Somos um.

Karina Sá

IURIS AMORES

O meu amor é fato público e notório,
que não precisa de inspeção para ser aferido.

De tão evidente, salta aos olhos
Exige tutela imediata,
carece de perícia,
apuro técnico.

Em que pese não ser documental,
os meus gestos todos confessam
e minha cara ao te reconhecer,
é meu depoimento perante o plenário do mundo de que,
tens em meu coração um título certificando crédito dos melhores
sentimentos que pode-se nutrir por alguém.
É título que podes executar ao seu querer:
provisória ou definitiva,
direta ou indiretamente.

Os impedimentos são todos putativos, acredite.
O amor é direito fundamental, cláusula pétrea,
preceito sensível,
princípio inamovível
da ordem constitucional da existência humana.

É sentir que não prescreve, decai.
Ignora cláusulas.
Rompe com convenções.
Não é afeto à moral.

É crime consumado inconscientemente, acobertado sob a inexigibilidade de conduta diversa.

É tão particular, íntimo
que sequer exige concurso de pessoas.

É delito simples, comum
Ao qual estamos sujeitos todos nós, infratores,
cujas penas individuadas (e choradas) são indevidamente compen-
sadas num negócio desleal, cuja única prestação é ser minimamente
amada.

Gabriela Menezes

LIBERDADE QUE DESTINA

Liberdade que destina
A decisão do ser
Encarcera o pensar
Ao se colocar encurralada
Na moral que aprisiona o desejo
Furto-te o pensamento
Ao perceber inebriante olhar confuso
Os lábios salivam
A pele arrepia
Arranha-te com fulgor
Mas, és refém da própria sensatez

Rodrigo Luz

MALABARISTA

Faço malabares das minhas dores
Sobem e descem
No redemoinho da imensidão
Em movimentos constantes
Múltiplos papeis e contorcionismos
De pernas para o ar
Em constante desafio no alto do picadeiro
Dia e noite sem parar
Fadigada
Posso cair
Equilibrista no palco do resistir
Mãe solo de dois amores
Acrobata maior
Única apresentação do existir
O baixo palhaço é aplaudido
Ilusão de quem olha de longe
Sociedade machista
Não esqueça:
Na história, a estrela sou eu.

Ezilda Melo

MARIA

Quando nasci veio um anjo sacana,
Aquele mesmo de Drummond,
só que mais torto. E disse: vai ser homem na vida!
Só que ele me botou negro, e eu disse: vai dar merda!

Então, ele me botou brasileiro, e eu reclamei: piorou!
Não satisfeito, fez-me pobre, e eu bradei: puta que pariu!
Enfim, e de pura sacanagem mesmo, ele, de repente, mudou de idéia:
E eu nasci mulher: agora fodeu!, disse num brado.

Não deu outra: hoje, estou presa como traficante de drogas.
O Poder flagrou-me fumando um baseado aqui na minha calçada po-
bre, unzinho só.
Levou-me presa e fui condenada por tráfico de drogas.
Agora, cumpro uma pena estúpida de prisão, e a culpa foi da calçada!

Não teve recurso, aqui tem pouco Defensor Público,
O Poder não dá importância para esse pessoal que defende gente.
Prefere o pessoal que acusa gente:
Rende mais, apesar de sair mais caro para ele.

Anjo torto? Não!, anjo sacana aquele mesmo.
Se tivesse parido um homem, branco e de classe média,
Agora estava eu mesma era fumando outro bom baseado,
E não escrevendo esta bosta aqui.

Aqui, nesta cela imunda e inumana,
Junto com outras muitas filhas da puta iguais a mim:
Negras, jovens, pobres e mulheres,
E no Brasil!

MEU NETO, MINHA NETA

Meu neto, minha neta,
Quando vocês chegarem para nós
Tomara que eu esteja por aqui ainda, para ficar um pouco com vocês
E ensinar as coisas que aprendi nos livros
E, especialmente, aquelas que a vida me ensinou.

Vocês não sabem como os livros e a vida nos ensinam...
O segredo é ter a sabedoria para aprendê-los
Isso leva algum tempo,
Mas chega.

Quero também lhes dizer coisas, ao ouvido, baixinho,
Como que o mais importante na vida é enxergar o outro
E pensar nos outros...
Também desejar – e lutar! – por um mundo mais justo.

Nunca deixem que o dinheiro mande em vocês,
Ao contrário, mandem nele, com autoridade e rigor, e sempre!
E também os medos, tenham-nos, posto de cautela, mas os superem.
Dinheiro e medo são bobas coisas da vida.
Procurem fazer mais afetos, que desafetos
E esqueçam os desafetos feitos,
E amem os afetos feitos
Afetos, desafetos, também são coisas da vida...

Rômulo Moreira

MINHA ALMA PARAÍBA

Minha alma não liga
Ao ouvir-se “Paraíba”,
Pois está convencida
De que Paraíba ela é.
Ela enfrenta a fome,
Ela enfrenta a seca,
A maldade ela peita,
Ela não perde a fé!

Ela segue arriba,
Mesmo que esquecida,
Pela velha política,
Pela nova, também.
Essa alma Paraíba,
De Lampião e Bonita,
Das esmoladas da vida,
Nunca fica refém!

No frevo e no rock,
No forró e no xote,
Numa canção que se ouça,
Paraíba é força!
E na prosa e poesia,
Paraíba é alegria,
E não dá ousadia
A quem, por ela, não torça

Minha alma Paraíba
Terá sempre um guia,
Do Maranhão à Bahia,

Se sofrer exclusões,
Pois só de paraibas,
Em conta distraída,
Sem querer dar sermões,
São cinquenta milhões!

Mírian Monte

MOÇA

De onde vêm teus passos?
Me perco a mirar-te, velejo manso em teus olhos d'Água.
És tudo que o vento sopra e a boca não diz...
Moça,
Que caminho desenhou teus pés?
Andarilho , me perco nos entalhes que o tempo fez em teu rosto.
Menina, mulher, senhora...Quem tu és?
Paciente percorro teus milagres, tuas sagas, tuas ruas...
Tudo em ti é Vitória, é Conquista...
Eu, incrédulo do mundo , da vida, dos homens...
Exausto de tudo
alcanço tua alma, és tu ...Menina dos olhos de Deus.

Paloma Leles

MULHER FLOR

Sois objetos de desejos vitorianos

Olhos de gerânios

Inflorescências de uma alma pendente

Na metafísica do artista

Suas raízes na lama do eu, ressignificam seus passos desde que pisastes em sete flores de lótus

Budas, bundas, seios fartos

Orgias de Dioniso

Que encontrou uma única pétala de crisântemo no fundo da taça de vinho

Terás vida longa e saudável

Poderia ser curta e doente e, ainda assim, vida

Como um inseto que cai da árvore na cidade grande e é atropelada por um veículo

Quem está no lugar errado?

Venha para o bambuzal

Gostarás.

Entraremos detrás da moita

De heras-inglesas

Nascidas hidropônicas

Força vital das plantas nas inflorescências das zínias

Existenciais que superam o passado remoto

Flores inscritas na pele da cobra rastejante

Coragem emergente do jardineiro fiel no cultivo de suas flores de ouro

Atraem beija-flores.

Muitos nos pórticos enfeitados com os sapatinhos de judia e flores
de São Miguel. Caramanchões de peônias, rainha das flores, flor de
riquezas

E honra na justiça do seu olhar de lince

Floração de corações rosáceos, vibrantes e vivos no mergulho da
vontade de viver

Que se alegra

Na noite pálida de mais um aniversário

Para não passar em verdes paisagens

Reconstrói-se nas pontes e nos labirintos de Narciso

Protótipos ou paradigmas de um recomeço da decadência auto tera-
pêutica

Caminhos do Egito, da Índia, das trilhas esotéricas nos lajeados por-
tões da insegurança coletiva de uma quimera do viver

Sou e tu és flores da vida.

Ezilda Melo

MULHERES

Todas as mulheres
Dentro de mim
Se entregam nuas
E frágeis
Com seus seios
Sedes
E gemidos
Ao seu corpo
E a você
Mas você
Cego que não quer ver
Você tão sábio
Que não quer aprender
Surdo que não sabe ouvir
De coração que
Esqueceu seu ritmo
Não vê
Não ouve
Não sente
Nenhuma das
Mulheres
Dentro de mim
Que andam no jardim
De suas várias idades
Onde voce pisa
Planta e rega
A minha dor.

Nely Nazareth

NADA HUMANA

Nada ri
Nada canta
Nada brinca
Nada encanta

Nada lê
Nada gosta
Nada posta
Nada vê

Nada chora
Nada grita
Nada implora
Nada habita

Nada sente
Nada ama
Nada pede
Nada chama

Nada corre
Nada vive
Nada morre
Nada humana

Claudio Melim

NÃO GUARDO CADERNOS

Não guardo cadernos com folhas delicadas. A vida me ofereceu apenas uns blocos amarelados de papel com espiral em arame, onde derramo as minhas memórias lacunosas e os meus haicais surrealistas, pra lá de milium. Mesmo assim, sigo fazendo anotações de minhas travessias e travessuras, sem deixar jamais de ser o menino que se arvorava em liberdades desembestadas nas esquinas móveis do Barro Vermelho, lá onde ouvira, pela primeira vez, o nome de um poeta, Segundo Wanderley, que ainda dá nome à rua onde vivi por quase trinta anos, eu brincante, desavisado dos riscos que correria ao longo dos muitos dias que se estenderiam até aqui, talvez ainda agora me conduzindo a outras horas colecionadas lá adiante, neste ba(i)rro, nesta terra e noutras, molhadas pelos ventos de agosto, que replicam meus aniversários tardios de leonino. Tudo lá atrás e lá adiante. O que vale é ter coragem de viver isso e mais um bocado. E montar mais peças de tempos e horas. Misturar vida e poesia, pra dar e tirar o sentido das coisas tão triviais.

Lívio Oliveira

NEM GORDA NEM MAGRA

Centro comercial, um pequeno estande de produtos, todos referentes aos ditos “cuidados de beleza” e duas moças para atender os clientes. Ambas trajavam o mesmo uniforme, um maiô de cor fria combinado a uma calça de cor contrastante e sorrisos convidativos. Entretanto, uma delas me chamou a atenção, era alta, de cabelos cacheados fartos, riso fácil e gorda? Na verdade, não consegui defini-la imediatamente, meu cérebro precisou de alguns segundos para analisar e processar o que via. Para padrões de beleza, sim, ela era, mas outros títulos também lhe poderiam ser aplicados facilmente, tais como: “plus size”, “robusta”, “substanciosa”, “generosamente modelada”, “dotada de curvas acentuadas”, “estrutura grande”, “ossos largos” e tantos mais. Essa escolha, no mínimo inusitada da marca, acabou despertando minha curiosidade e de alguns passantes mais atentos.

Decidi me aproximar para conferir o que parecia ser uma estratégia de marketing e, à medida que a distância diminuía, avaliava mais e mais a moça que, atendendo, parecia extremamente feliz. Na metade do caminho comecei a perceber que o maiô não era tão bonito assim, seu corte não valorizava em absolutamente nada as curvas do corpo, aparentemente estava tão apertado quanto salário mínimo no fim do mês e, para piorar a situação, a malha de qualidade um tanto duvidosa, deixava-o quase tão transparente quanto as águas do mar do Caribe. Diante de tantas constatações me surpreendeu o fato dela, ainda assim, esbanjar beleza e não parecer fazer uma imitação barata do “Grinch”, numa versão de calças e menos peluda é claro. Automaticamente uma imagem formou-se em minha mente, se fosse tia Zuleide naquela mesma roupa, com certeza estaria se parecendo com uma ervilha ou uma melancia, quiçá até um abacate.

Uma melodiosa voz me tirou do devaneio. Decidi que era a hora de finalizar o percurso, estava perto o suficiente da moça, que agora tagarelava com uma pequena senhora. Concentrei-me no diálogo. Aparentemente ela defendia veementemente algo sobre todos possuírem um “corpo de praia” não importando idade, sexo, gênero, classe social

ou biótipos. Nesse último quesito, fez questão de adentrar no assunto dos tão famigerados “quilinhos a mais” que sempre são motivos de insatisfação para as pessoas e continuou discorrendo sobre a importância da auto aceitação, com todas e quaisquer “imperfeições” possíveis que os corpos poderiam apresentar e como era vital a consolidação desse pensamento na formação humana e em seu processo de autoestima.

Tais palavras soavam quase como música aos ouvidos, era realmente brilhante, talvez se todas as pessoas desde a infância, principalmente mulheres, consolidassem esse pensamento, o número de suicídios, depressões, anorexias e bulimias diminuísse no mundo ou quem sabe, teríamos uma sociedade com princípios diferentes. Na verdade, nunca saberemos, a única certeza seria que o mundo da moda possuiria uma oferta maior de tamanhos em suas grades.

A senhora que ouvia tudo com olhos vidrados perguntou-lhe a queima roupa: “É você minha filha, se acha gorda ou magra?”, fez-se um minuto de silêncio. A meu ver, parecia que a pequena senhora havia ignorado todo o discurso anterior, esperei então pela resposta da moça tão avidamente quanto um camelo procura um oásis no deserto, em seu rosto pude ler algumas expressões, por fim, ela dedicou-lhe um sorriso quase travesso e respondeu: “nem gorda nem magra; e aí, a senhora vai levar?” Controlei a vontade de rir mediante a expressão de choque provocada pela resposta, dei as costas e saí antes que enfim minha presença fosse notada por ambas.

Caroline Barreto

NO FIM

Tudo é feito da mesma semente - e a gente, tão displicente, nem sente... O vento que balança o galho, o galho que suporta tanto a leveza da folha quanto o peso do fruto, o fruto que guarda a semente, a semente que leva consigo a força do galho, a leveza da folha e o peso do fruto...

Tudo é sempre tão indecente - e a gente, indiferente, nem sente... A gente, que leva na gente o peso do corpo, da alma, das tristezas arraigadas no sangue, o sangue que corre apressado pelas veias, carrega o alimento do corpo, da alma, que vai e volta e nunca descansa e ainda acalma o palpitar agitado do coração, o coração que leva a gente vida afora, alma adentro, a gente que vai seguindo a linha do tempo no reverso da medalha, da moeda, cara ou coroa, do convés à proa, não importa se é possível trocar de lado, olhar ao largo, estender a mão, gritar de indignação, andar na contramão, o que interessa é atingir o alvo, sentir-se a salvo, alcançar o topo, fazer um tipo, somar mais pontos ao fim do jogo... Qual é, afinal, o nosso jogo?

Tudo é sempre assim - quase que num 'pra sempre' tão incoerente. Então é mesmo assim: esquece o vento, o galho, a folha, o fruto. Nenhuma semente te fez de gente se lá no fundo não houve o grito para o despertar dos teus infinitos... Cairás tão triste e vazio bem fundo nos teus escuros: serás partícipe do fim do (teu) mundo...

Nic Cardeal

NOTA TELEGRÁFICA 2

Queria te contar que durante uma tarde em que fui buscá-la no Rio da prata. o sol atacou em cheio a água do rio. guerra purinha. entrei mar adentro. por onde olhei. escorria um lance meio cor de mel. parecia mesmo o choro do mundo. e fui logo tentar secar. temos ânsia pelas antíteses. nada há que se fazer ante o choro. o sol. e também a rua que errei quando você não estava lá. nada de seus olhares amarelados. como a luz que agora entra pela janela. de onde nunca saí. sem rio. sem o mar. restava apenas uma foto de Guevara com Lenon. e pode acreditar. isso é uma canção de amor. que nunca foi escrita. que nunca será lançada ao mar. faz sol em Havana. as revoluções estão acontecendo a cada vez que toca “imagine”. não há para raio contra o que vem de dentro. mas essa já é uma canção rasurada dos titãs. hoje mesmo conclui que talvez os deuses não amem. vou rezar para eles. para que amem. para que me levem ao rio. todos os caminhos me levam a você. já é hora de parar de cruzar canções. daqui a pouco vamos achar que esse labirinto serve apenas para confundir mesmo. deuses labirínticos. amores labirínticos. ainda bem que o sol não está quente. vitamina D. risos. eu só queria dizer que seus cabelos e seus olhos são pedaços de sol. aqui ou fora das canções. um girassol da cor de seus cabelos.

Bernardo G.B. Nogueira

NOTA TELEGRÁFICA 3

Vou enviar outra nota. o telégrafo atual é bem eficiente. diferente daquele tempo dos iniciais. o deserto é um convite que sempre fiz. desde o tempo em que ouvíamos the doors. um dia naquele sol eterno funcionava como os lsd's que nunca tomei. e sempre que procurava um desvio dos dias. das horas que intercalam os dias e tal. acabava chegando até o deserto. lugar que ao invés de ambiente inóspito. é jeito de encontrar vidas. lembro que olhava seus olhos. via o próprio Borges. acho que foi ali que nasceram as notas. telegraficamente aquelas palavras inundavam meus olhos. os seus. os meus. os de Borges. e ainda dizem que nos desertos não brotam. aquela noite confundido pelo vinho adentro. vi sair de seus cabelos as notas dos doors. batemos à porta do céu. os desertos têm o silêncio necessário à criação. bob dylan. no início havia o deserto. invente o que puder. para que a canção não deixe de tocar. telegrafo agora para seu endereço no deserto. o porteiro não atende. irei invadir. derrubando a porta do céu. haja precipícios para o amor.

Bernardo G.B. Nogueira

NOTA TELEGRÁFICA 9

Você precisa tocar com os beatles no terraço. deixar voar junto dos monges sua alma. não fique assim tão quieto. haverá um dia em que suas cores irão luzir. veja que o verbo não se encerra na palavra. há um não dito. há um por vir. talvez você deva cruzar o cerrado. saiba que lá tem um céu mais azul que os sonhos lisérgicos de 68 quando você voltava de sua road blue. havia sonhos nas rodas. um dia ainda verás que o sertão é uma coisa que carregamos no coração. ele há de vir. deixe. entregue suas mãos. não lute. ouça mais uma vez e tantas as gaitas do Bob Dylan. não há motivos para não chegar ao céu. seus pés são como asas. me conte seu sonho. eu posso telegrafar pra lá. uma manhã dessas é como um dia escorrendo para dentro do outono. não espere. empunhe seu corpo ante o impossível. lance suas orações ao altar do coração das pessoas que você ama. não vá embora. perca o horário. não anda bem quem mede nos ponteiros a direção do amor. não quero falar de amor. ontem vimos estrelas caindo do céu. essa é uma nota telegráfica para amanhã. não espere amanhã. você talvez nem devesse ler essa nota. talvez seja apenas mais uma canção que me faz chorar. imagina se ouvíssemos Tom Jobim no café da manhã. imagina se um dia voássemos pelo deserto dos the doors. imagina os olhos azuis do Chico. imagina a Bahia. Caetano e Adriana Calcanhoto. imagina que isso são apenas rastros da mesma manhã repetida tantas vezes ao som da novidade. o amor é surpreendente. ao repetir. fica novo. e ainda nem são 06h da manhã aqui. “amanheceu é hora de dormir.” durante a madrugada houve um concerto a céu aberto. você precisa chegar ao terraço de si...

Bernardo G.B. Nogueira

NOTAS SOBRE OS TONS

Para além da visão existe um espectro de cores no olhar.

E o olhar situa-se preso em um ponto.

Esse ponto solto é onde alguém foi e não tornou, onde a imagem se desfez.

Para além da realidade existe o oculto. É no sublime que os sentidos florescem.

O sublime é o topo e não se sabe mapeá-lo. Eu não sei chegar até o ápice dos sentidos, muito embora os sinta demasiadamente. Não sei sequer, como chegar do eu para mim e tenho dúvidas bobas quanto às tonalidades.

Como as pessoas enxergam os tons de azul? E amarelo?

Os tons não são os mesmos. O olhar também não e tudo depende do ponto mirante.

Diante do sublime, a intensidade: e é ela que concretiza os meus tons desarmônicos.

E me deparo com os tons de mistério diante de um precipício que me proporciona olhar do eu para mim enquanto me transmuta decompondo palavras.

Jordane Costa Oliveira

NOTÍCIAS BOAS

Mande contar de você
Dos planos, coisas desejadas,
Velozes no viver, a estrada
Leva a tantos lugares,
Um deles, quem sabe, aqui,
Páginas lidas, de fadas.

Marilena Wolf de Mello Braga

NOVO PENSAR

Da água para o vapor
Da água para o vinho
O que transforma é sempre o mesmo?

Uma nova perspectiva que se adota
Pode ser explicada por várias causas
Haveria um uno que as ligue?
Existiria uma essência da mudança?

O que transforma o sonho em realidade?
O que faz com que a negação se transforme em aceitação?
Quando é que o temor vira deleite?
O que justifica a aflição se tornar gozo?

Quantas causas haveriam
Que poderiam explicar?
O amor, a morte, a tragédia
A angústia, o desespero, a epifania

Se há algo que conduz
Deveria ser sempre o mesmo
Mas um olhar novo é sempre possível
Uma lente posta com a qual melhor se enxerga

O risco é o de se enganar
Mas também é o mesmo de se encontrar
Como dizem, tudo flui
E com o espírito assim também é

NUVENS

Eu amo amar nuvens.
Tão volúveis, tão imprevisíveis!
Quem assegura, sem ressalvas,
Que choverá amanhã?

Eu amo amar nuvens.
Tão voláteis, tão indisponíveis!
Quem poderia lhe delimita-la
Em padrões, ou caixinhas?

Ora tempestade, ora temperança.
Ora calamidade, ora bonança.
Oh! Nuvem, não fique acanhada.
Sou leal em minha admiração!

Tu adquire qualquer formato,
menina, mulher, homem, o que couber.
Tão livre, solta e fugaz ao som dos ventos,
A sua voz é mel no meio do tormento!

Às vezes, eu me assusto,
Outras tantas, acho que não te agrado.
Seria irreal me apegar ao intocável?
Guardo-te no empório do inesperado.

Eu sou chão e você flutua.
É uma pena minha nuvem,
Tu apenas gostaste de nuvens,
Assim como você.

Elizabete de Araújo Souza

O CAMINHO SAGRADO COMEÇA NO CORAÇÃO

“Por trás do certo e do errado há um Campo Sagrado”. _Rumi.

Ao olhar com raiva e desprezo para os políticos – o que é bastante compreensível a partir da consciência cotidiana atual – estamos criando para as futuras gerações a exata repetição daquilo que rejeitamos e/ou desqualificamos neles (políticos).

O Caminho Sagrado começa no coração!

- Quando podemos compreender que tudo o que está acontecendo no Brasil e em tantos países da América Latina são compensações de desordens do passado, que se apresentam como uma oportunidade de criar “reconciliação” e, assim, parar com as repetições;

- Quando podemos compreender que os destinos são coletivos e as consequências individuais;

- Quando podemos reconhecer que cada político corrupto está tomado a serviço de compensações políticas do Brasil e, ao mesmo tempo, também dos seus sistemas familiares,

Algo pode mudar em nós!

A escolha começa no nosso coração!

Reconhecendo e respeitando o destino difícil desses que se colocaram para oportunizar uma nova escolha para o destino do Brasil.

Reconhecendo a suas culpas e as consequências das suas culpas (essas culpas também pertencem e dão dignidade a cada um deles).

Agradecendo a oportunidade que este momento crítico está nos possibilitando.

Plantar a semente de uma futura repetição para as próximas gerações e ir para o Caminho do Sagrado – além do certo e do errado, dando a ambos um bom lugar no coração; aos indignados e aos corruptos, nos inclinando com profundo respeito diante da cultura de

ambos, diante dos destinos de ambos

O Caminho Sagrado começa no coração!

Claudia Boatti

Movimentos Essenciais

Claudia Boatti.

O CÍRCULO DA ESPERA

Nesses tempos do sem horas,
Sinto ventos e sabores
De um tempo que não houve
E eu sequer dele soube.

Em outra espera antecipada,
Um novo passado me devora.
Rasga e queima as memórias
De um futuro que demora.

Nesses tempos que se conta
O minuto que não coube,
O que mais me desespera:
Corajoso adeus que não desponta, malas prontas, só espera.

Marisa Falcão

O CORPO...

Que dança requer mudança.

Muda no trajeto da esperança;

muda no desafio do passo e do espaço.

O corpo que dança expõe sua alma,

expressa nos movimentos seus sentimentos e no ritmo o tempo.

O corpo que dança no compasso se liberta e com mistérios exala desejos;

Traz na alma a linguagem do prazer que pulsa e alimenta o coração.

A dança com poesia descreve as curvas e com melodia, a sedução.

Nas palavras dos movimentos, revela as emoções e, no silêncio da música, as paixões.

Encanta e faz chorar. Se move sem medo ou pudor e, no abuso dos olhares, rima amor e dor.

O corpo que dança rodopia ao som dos sorrisos, com gozo respira, na dúvida inspira e, sem certezas, se entrega aos suspiros d'alma.

Esse corpo escandalosamente vive, sente, resiste, descansa, sonha e dança!

Taysa Matos

O CRAVO, A ROSA E A ESTATÍSTICA

O cravo brigou com a Rosa,
Porque estava maquiada;
Xingou-a de horrorosa,
De louca e depravada.

O cravo tomou-lhe a bolsa,
Geriu todo o seu dinheiro,
A Rosa disse: “devolva”!
E o cravo: “gastei primeiro”.

O cravo mandou que a Rosa
Deixasse de trabalhar
E que ela se dedicasse
À prole e ao seu lar.

O cravo afastou a moça
Da família e dos amigos;
O cravo prendeu a Rosa
Dizendo ser um abrigo.

O cravo chamou a Rosa
Para um belo jantar,
Mas reclamou da roupa
E ela precisou trocar.

No bar, havia colegas
E Rosa foi educada;
O cravo ficou com raiva
E ela foi humilhada.

A Rosa ficou tão triste...
Depois, ela o desculpou
A Rosa cresceu ouvindo:

“Ciúme é sinal de amor”.

O cravo teve outra crise,
A Rosa argumentou.
O cravo, mostrou sua força,
Quando ele a empurrou.

O cravo pediu desculpa,
Prometeu-lhe não repetir,
Roubou um beijo da moça,
Mas ela não quis sorrir.

O cravo a levou à cama,
Estava muito possesso;
A Rosa não viu saída,
Com o cravo ela fez sexo.

A Rosa saiu de casa,
O cravo a perseguiu;
A Rosa pediu socorro,
Só que ninguém ouviu.

O cravo bateu na Rosa,
Deixou-a desacordada.
O cravo tinha um revólver
E a Rosa foi alvejada.

O cravo lavou sua honra
E o mundo o perdoou
O Cravo era seu dono
E Rosa o intimidou

O cravo foi absolvido,
De outra, será marido;
Rosa virou estatística,
De mais um feminicídio.

Mírian Monte

O ENCANTO DOS CONTOS

No texto de hoje trato do encanto dos contos e também faço um paralelo importante, como veremos adiante.

Para isso, nada melhor que dividir um miniconto de minha autoria, cujo título é “*O palco perfeito*”: *Era uma noite de lua cheia e céu estrelado. Viviane estava em sua casa, sozinha. Sentia a falta de seu amado. Sentada num balanço preso numa árvore em seu jardim, ela admirava a lua em seu esplendor. E, como num romance clichê imaginou estar sentada nela. Rodrigo chegava por trás carregando o seu violão e começava a tocar a sua música favorita. De repente surgia uma orquestra. Um tapete vermelho era estendido, muitas flores, como num passe de mágica. E Rodrigo a tirava para dançar. Bailavam lindamente. A lua era o palco perfeito. Nem pensou no clima. Vestia um longo angelical todo branco. Trocavam olhares apaixonados. A orquestra, o tapete e as flores desapareciam. Restavam somente os dois. O beijo demorado e uma intensa cena de amor. Viviane acorda em seu quarto, ainda é noite, procura Rodrigo que não está na cama. Então, abre a cortina e olha para a lua, que parece estar rindo, como se guardasse o seu segredo. Até lhe dá uma piscadela.*

Percebam o ritmo (sonoridade) e as imagens produzidas a partir da narrativa. O lugar comum, a ideia central e aonde se quer chegar com a história. Claro que, num miniconto não dá para explorar muitos detalhes, mas eles devem ser escritos de forma a possibilitar ao leitor a compreensão da trama, que se passa no pensamento da protagonista, que no caso é bem romântica e sonhadora. Certamente o conto é destinado a um público específico, que gosta do gênero, certo nicho de mercado.

Não importa se você é um escritor ou roteirista, em termos de mercado de trabalho é essencial contar a sua história, mostrar o poder de seu produto para o seu cliente. A criatividade é fator primordial, aliada ao conhecimento e objetividade. As pessoas precisam do toque humano, daquilo que só você pode oferecer, sempre com uma boa narrativa ou contando uma boa história. No mundo de hoje é preciso sair do processo de automação.

Consultada, a jornalista e *storyteller* Sabrina Scarpore nos disse que: *“É natural do ser humano a necessidade de se comunicar, contar histórias, e de manter vínculos com outras pessoas para a nossa sobrevivência. Porém, as relações não são todas iguais. A nossa comunicação não é igual para todos. É preciso ter responsabilidade pelas nossas narrativas e por isso a clareza em nossa comunicação é fundamental para que a mensagem siga de forma efetiva ao receptor. É preciso concentração para escrever um livro, preparar uma palestra, uma aula, um miniconto, melhorar o diálogo com familiares e amigos, expor produtos em uma vitrine ou vender um serviço online. As histórias só terão os seus encantamentos (e envolvimento) se alguém prestar atenção nelas, afinal o que não nos encanta, não nos interessa. É como encantar a sua audiência? Comece encantando-se a si mesmo. É um bom começo!”*.

Portanto, assim como os contos bem narrados nos prendem a atenção e encantam, se fizermos o paralelo com a empregabilidade e o destaque no mercado de trabalho, concluímos que temos que saber contar a nossa história da melhor forma possível, demonstrando nosso talento, convencimento, credibilidade, independentemente do ramo de atuação.

Leiam bons livros, explorem a narrativa pessoal através da técnica, da criatividade e da expressão, contratem especialistas quando necessário e encantem com as histórias nas quais devem ser protagonistas, mostrando os seus propósitos de maneira única e atrativa.

Bianca Rosenthal

O GRITAR DA ALMA

O interno pode não falar
em gestos, o que quer dizer?
Chances sem alcançar
momentos sem refazer
feridas sem curar
amores a desmerecer

O intrínseco pode não expressar
o que o corpo quer sentir
quadris a rebolar, paredes para subir
esquemas a articular
sensações a exprimir

A boca não vai dialogar
o amargo da frustração
a alma vai se fechar
no frio e na escuridão

Por isso é preciso chorar
Deixar a lágrima escorrer
Fazer a alma gritar
permitir o sorriso retornar
e a vida voltar a viver

Deixar o passado fazer
Somente amadurecer
algo que estava a precisar
de uma força para impulsionar

Mesmo que de modo cruel
destempere o coração
fazer o féu virar mel
sair do frio da solidão
e entender com calma
o gritar da alma

Eliane Câmara

O GRITO

“Porque há direito ao grito,
Então eu grito”.
Como já escreveu Clarice Lispector.

Não grito nas minhas falas.
Mas sim, eu grito!

Grito nas minhas escolhas.
Escolhas que representam valores que gritam por respeito.

Grito no meu desabafo.
Desabafo que expressa sentimento profundo que grita por um feito.

Grito no meu silêncio.
Silêncio que é o grito mais alto que já deram...

Rafaela Alban

O INVISÍVEL ESCOMBRO

O barulho do silêncio
sobre os passos
ensurdece a dor.

Para onde caminham
os passos quando caminham
sobre destroços?

Que esconde o chão
nos restos que se dão,
(h)a testemunho?

Pergutam-se olhos
que não podem ver por baixo
do visível o invisível escombros.

O barulho do silêncio
sobre os passos é um grito
na garganta da história.

Luciana Pimenta

O MEU OXENTE É COISA DA MINHA GENTE

GENTE BUNITA, divertida, CRIATIVA, de cultura ÍMPAR.

Povo que não desanima diante da ignorância latente

Desse Brasil que nossa essência desconhece, pois somos, antes de tudo, UM FORTE, um CANGACEIRO de alma ARDENTE.

Ô meu NORDESTE, como me orgulho de ser CABRA DA PESTE!

ARRETADO, ARROCHADO, BOM QUE SÓ A PESTE!

Tão BAUM quanto dançar um FORROZIN. ARIAR A FIVE-LA, dançar até doer as canelas e com meu amor mais tarde dormir.

Sonhar sob um céu estrelado, sentindo a ventania noturna entrando pela janela e eu a pensar: como é bom ser desta TERRA!

Terra de Nosso Senhor, de meu PADINHO CIÇO, meu fiel protetor.

Ai, minha NOSSA SINHORA, guarde-me, não me deixe tão cedo ir embora para Casa de MEU DEUS.

XÔ curtir um BOCADIN mais essa vida que o Cara lá de cima me deu.

Seja no Sertão, no meu Sul ou Norte, sou, desde menino, NORDESTINO, sou HOMI de sorte!”

Uma pequena homenagem desta que carrega no peito o eterno orgulho de ser NORDESTINA.

Laura Cecília Fagundes dos Santos Braz

O MEU, TEU, NOSSO

Eu quis acreditar.
Eu sonhei ser possível
Nós dois juntos.
Possível te amar.

Eu deixei parte de mim
Para ser completa para ti.
Almejava caber no seu mundo,
Mas acabei esquecendo o “me”

Me honrar
Me querer
Me respeitar
Me refazer
Me amar.

Foi buscando o “nós”
Que abandonei o “eu”
Quando o singular
Nasce antes do plural
Sim, o meu antecede o seu
Que precede o nosso.

E nessa conjugação imperfeita
Eu me fiz esquerda
Para ser direita
Na revolução da nossa paz.

Adeus alguém precisava dizer
Esse alguém era eu
Mas você se antecipou
E o meu amor você menosprezou

Enfim, descobri
Que só eu quis
Acreditar que era possível o nosso amor.

Você bem que tentou
Mas ao seu próprio coração enganou
E agora decidiu que tudo que se construiu
Ruiu, virou pó e, com o vento, partiu.

Laura Cecília Fagundes Dos Santos Braz

O SAGRADO FEMININO

Seja delicado:

Meu corpo é sagrado.

Dele, sai o leite que alimenta a vida;

Ele é o meio, o caminho,

O ponto de partida.

No cálice que trago em meu ventre,

Sinto o milagre de células virando gente.

Não me violente!

Não me diga o que eu devo,

Nem o que eu não devo fazer.

Deixe-me ser o que eu quiser ser.

Eu tenho o direito de dizer como vai doer,

De ostentar, ou não, uma cicatriz.

Eu tenho o direito de ser feliz,

De chorar ao ouvir chorar o meu bebê.

Eu tenho o direito de amanhecer

Com o Sol que ajudei a parir.

Quem dá à luz tem o direito de sorrir.

Quero estar ao lado da minha Mãe,

Para que ela interceda por mim

E que o pai se faça presente, enfim.

Quero ter quem abraçar,

Se medo eu sentir;

Quero aceitar o que a natureza decidir.

Quero flores, quero carinho,

Quero saber que o meu bebezinho chegou
E que ele está bem.
Eu não sou ninguém:
Eu sou a fábrica do mundo!
Vivencio o amor mais profundo
E sinto, lá no fundo,
A força que vem de Deus!
O poder de gerar, Ele me deu.
É gente que sai do meu ventre
É leite que sai do meu peito...
Do fenômeno mais perfeito,
Sou fonte, sou berço,
Sou destino.
No meu corpo,
Vivencio o sagrado feminino.
No meu corpo,
Eu vejo a luz e ilumino,
No meu corpo, recebo a graça
Do mistério Divino.

Mírian da Silveira Monte

ONDE ESTÁ O AMOR?

Para onde se foi?
O que nos une e nos mantém,
Coesos e juntos até o fim!

Todos sentimentos se perderam na mesma via,
O egocentrismo tomou conta das tripas frias...
Cega eu me sinto aqui no meio da escuridão,
A morte no metrô, Falácias da Razão!

Onde está o amor?
Quem o levou?
Para onde se foi?
Eu quero achar!

Eu só sei da dor!
Eu clamo por favor,
Preciso apenas,
Respirar!

Onde poderia está a verdade?
Cadê o Princípio, a mente sã?
Desconheço a Liberdade,
Que se escondeu com o rico no divã...

O verme já me disse,

O caminho já foi trilhado.
A distopia já começou,
Estamos destinados.

Para que se lamentar,
Se já foi predito...
“O homem é lobo do próprio Homem”!
Afinal, tudo se volatiliza:
O valor, a coragem, a moral,
A realidade tangencia o real!

Onde está o amor?
Quem o pegou?
Devolva - nos antes da morte...
Isso se tivermos, sorte!

Elizabete de Araújo Souza

ONTOLOGIA

No princípio havia o Belo. Do Belo surgiu o Ser. No mesmo instante este olhou a sua volta e viu toda a Beleza que lhe cercava. O Ser sentiu então uma imensa satisfação em existir. Assim surgiu a Felicidade. Ficou então o Ser a contemplar tudo a sua volta. Mas o ele logo sentiu fome. A esta fome, chamou-a Consciência. O Ser então passou a devorar a Beleza a sua volta, para satisfazer a Consciência. Mas esta, quanto mais se alimentava, mais crescia. A Beleza, contudo era de uma tal imensidão – infinita – que não coube dentro da Consciência. Esta inchou, inchou, inchou até que explodiu. Na explosão, a Consciência partiu-se em um milhão de pedaços. E cada pedaço partiu-se mais um milhão de vezes. E o Ser, que foi o primeiro ser, logo percebeu que sua Consciência jamais pararia novamente de se partir, pois cada fração minúscula dela tentava devorar uma porção infinita de Beleza, partindo-se novamente. A isso chamou-se Caos. E o Caos começou a tomar conta do Ser. Este, contudo, começou a crescer e crescer para não se deixar tomar totalmente pelo Caos. A essa batalha do Caos pelo domínio do Ser chamou-se Tempo.

Com o passar do Tempo a Consciência partiu-se mais e mais, e logo seus pedaços começaram a esfriar. Então o Caos, entediado por nunca conseguir dominar o Ser por completo, pois quanto mais rápido o primeiro se espalhava, com a mesma rapidez o segundo se expandia, resolveu juntar os pedaços perdidos de Consciência que foi achando em seu caminho. Assim o Caos criou as estrelas, e do que sobrou das estrelas fez todo o resto. Dos pedaços que eram muito pequenos e logo se esfriaram, originaram-se os planetas. Como pedaços de Consciência que eram, sempre traziam consigo também a Beleza infinita.. Mas a Consciência passou a tentar juntar seus pedaços novamente e por isso os corpos no espaço sempre ficam girando uns em volta dos outros, na esperança de voltarem um dia a ser um só.

O Ser, contudo, também entediou-se de sua eterna fuga e pensou em um jeito de combater o Caos. Então bolou um plano e a isto deu o nome de Ordem. Para fazer a Ordem, pegou um pedaço de

Consciência que já estava frio o suficiente e transformou-o em semente. Fez várias. Dentro de cada semente colocou uma fração infinita de si mesmo e espalhou por incontáveis planetas, em todos os lugares. Desta forma cada semente deu origem a um novo ser; e cada ser pôde dar origem a uma nova semente que deu origem a mais seres, indefinidamente.

O Caos então percebendo o plano do Ser, tentou impedi-lo. Começou a sabotar as sementes, para que os novos seres não se lembrassem ao nascer da missão que lhes fora dada. Assim a intervenção do Caos criou ao longo das gerações uma infinidade de criaturas, das mais variadas formas, cores e habilidades.

A tudo isso: seres, planetas, estrelas – e tudo mais, chamou-se Universo. E o Universo então tornou-se o próprio Ser. E a todos esses pedaços de Consciência que se espalharam por aí chamou-se Energia. E a toda Beleza sempre perseguida pela Consciência, chamou-se Matéria. E à semente criada pelo Ser, feita de Beleza e Consciência, chamou-se Vida. A Vida então questionou-se sobre quem era e de onde veio. E desta tentativa do Universo de compreender a si mesmo chamou-se Humanidade.

Homero Chiaraba

PARA A ÁGATHA VITÓRIA, EM NÓS

Pequena Ágatha, eu queria lhe dizer umas palavras. Estou tentando, desde que soube que mataram seus sonhos. Tenho dificuldade em digerir. Fica um bolo de violência parado na garganta. Mas acordei e me (in)vesti da coragem necessária para fazê-lo. Ainda acredito numa espécie de impontualidade pontual das palavras. Sei que seus sonhos morreram. Alguns por aí insistem em matar sonhos. Insistem em querer um mundo onde uns sonhos sejam mais importantes que outros. Mas sei que alguma coisa de você vive em nós. Sinto que ainda não conseguiram nos matar de vez. Morremos um tanto mais com você, Ágatha. Nós que morremos tanto com Marielle, Evaldo Rosa e outras tantas Marilles e Evaldos cujas mortes ficam silenciadas. Agora você, Ágatha. Morremos um tanto mais com a morte dos seus sonhos. E restamos aqui, cada dia mais miseráveis e desumanos. Escrevo para lhe dizer, Ágatha, que eu desejo muito que isso tenha fim. Sei que você empresta a nós, agora, seus próprios ouvidos. Esses ouvidos sensíveis de criança. Ouvidos que choram. E lhe prometo escutar e proferir seu nome, por onde eu passar: em minhas aulas sobre a (in)justiça do Direito, em meus escritos sobre a desconstrução desse mundo em ruínas, e em cada um dos silêncios ora aflitos, ora admirados, que eu lanço no universo. São eles que germinam em mim as palavras. Prometo que farei o mundo lembrar a Ágatha que vive em nós, antes de perecermos todos nesse ódio definhante. Por ora, Ágatha, perdoa-nos. Você, viva em nós, nos deixa essa herança: precisamos nos perdoar de assinarmos a autoria desse mundo cruel. A Vitória do seu nome e o infinito vertical dos seus anos, esses infinitos 8 anos, há de ser a planta de uma nova arquitetura para o mundo, um mundo onde sonhos do jardim de nenhuma infância sejam arrancados. Eu prometo dar as minhas às suas mãos sustentando a voz desses amar-elos.

Luciana Pimenta

PEDIDO A JORGE CALHEIROS

Parte I

eu mandei a Santo Antônio
os pretendentes numa lista
foi então que ele escolheu
Jorge Calheiros, cordelista
não podia ser melhor!
Casamento de artista!

“tens idade de ser filha”
o padrinho me falou
serei noiva na quadrilha
Santo Antônio abençoou
respondi ao caro amigo
que mais nada retrucou

Assuntei Jorge Calheiros
se ele aceita o casamento
Santo Antônio, padroeiro
se não for, eu só lamento!
Chamei padre, testemunha
uma carroça e um jumento

Santo Antônio, não reclamo
dessa vida de poeta
mas eu tenho um “pé de pano”
se ele sabe, acaba a festa!
É por isso que eu lhe clamo
o juízo que me resta!

Confessei-me com o padre,
que é o Chico de Assis,

ele disse: “minha filha...
“o que importa é ser feliz!
Se correrem os boatos
depois você desdiz!”

Vou mandar esse recado
para o meu pretendente
Santo Antônio, meu pecado
é ser muito sorridente
quero que Jorge Calheiros
me responda, que é urgente!

Parte II – telefone do matuto
noivado no whatsapp (Jorge Calheiros)

Minha gente eu vou falar
como foi meu nascimento
nasci na chá do pilar
sofri mas do que jumento
por não ter ido a escola
foi grande o meu sofrimento

Minha vida foi na roça
trabalhava todo dia
mesmo sendo adolescente
ninguem me empataria
mas meu papai me ensinou
que mesmo triste eu sorria

Eu já com dezoito anos
sem ter nunca namorado
conheci maria estela
mas eu um tanto acanhado
ela casou-se com outro
eu fiquei desanimado

O meu amigo petrucio
começou me da conselho
falou que tinha a ideia
pra mim sair do vermelho
e me deu um celular
inda tenho este aparelho

Eu disse para petrucio
não sei mexer nesse troço
ele falou eu ensino
reze logo o seu pai nosso
nunca diga que não sabe
sempre diga que eu posso

Petrucio ligou o bicho
eu fiquei admirado
mandou eu passar o dedo
quando vi fiquei paismado
e disse é o vap vap
eu falei tou desgraçado

Eu fiquei doido varido
quando vi o meu retrato
de lado numa galega
anunciando um noivado
e este noivo era ieu
eu fiquei muito empolgado

Eu bilisquei no meu braço
petrucio disse o que é
eu falei tou ansioso
só pra ver essa mulé
só a foimosura dela
da dez a zero em ester

Magine essa belezura
com um vestido de xita

as mulé vão ter inveja
vai ser ela a mai bonita
e eu sou o noivo dela
nem Santo Antonio acredita

Aqui vai minha resposta
vamo honrar nosso noivado
quero me casar de novo
o que passou ta passado
este fica na memória
do riacho doce amado.

Parte III - Arraial dos artistas – O casório do cordel e da poesia (Mírian Monte)

E a noite de São Pedro
foi tomada de euforia
à espera do casório
do cordel com a poesia
e a cultura alagoana
lindos versos ganharia

Compareceu à cerimônia,
uma plateia nunca vista:
atores, músicos, pintores
poetas e ilusionistas
resplandeciam feito estrelas
no arraial dos artistas
o mar de riacho doce
transbordou-se de emoção
o fotógrafo registrava
essa linda união
todos tinham a esperança
de que virasse tradição.

Mírian Monte

POESIA EM MIM

Qualquer que seja a forma
em prosa ou poética
de talento vernacular ou inadequado
isenta ou não desta subjetividade humana
enreda-se em relatos da existência...
denota incansável luta
sociedade sem classes
arte e refúgio
poesia em tempos de vils, metais e cóleras
gritos de surdos
luzes aos olhos de cegos
o alquebrado combatente urge
em tentativas de transformações sociais
vive assim condenado a pensar
penando em recriar o novo mundo
sem que lhe seja hostil
socorre-se o poeta
velho libertário, amoroso
em nome da liberdade
persegue a imortalidade através do verso
calar-se é calabouço!
a eterna poesia será sempre um grito por justiça!
(mesmo que ela não ouça!)

Nilzo Felisberto

PONTO DE ARQUIMEDES

Tem que haver sempre um chão.
Ainda que saibas que existe um subterrâneo
Por debaixo do solo.
Ainda que passe sob o empedrado da calçada
não a praia almejada
mas um rio turvo e pestilento.
Tens de ter sempre um esteio,
que é Norte, estrela e bússola.
Quem, muito dúctil, muito catavento,
acha, intelectualmente, que tudo e nada
se equivalem, e todos os tons
do arco-íris são como o negro e o branco;
Quem, muito cético, descrê dos próprios pés
e renega os próprios olhos;
Quem, muito inteligente, sobre tudo
faz trocadilhos e paradoxos vãos
que atiram como seta envenenada
ao coração dos valores e dos princípios -
Além de um dia, olhando-se ao espelho,
fatigado, ir sentir-se um fantasma e não Pessoa,
semeia o hálito do Nada, pior até que o Mal.
Não é uma condição simples, a humana.
Não é uma condição fácil, a que temos.
Sabemos que há mais Mundo
Além da vã filosofia dos Horácios

E mais ainda que a nula filosofia
Dos Coriáceos.
Sabemos que há muito mais mundo.
Mas a cada um e a cada sociedade e a cada tempo
Foi dado viver com certas limitações.
Não podemos facilmente, impunemente,
ser tudo em cada momento, a toda a hora.
Podemos compreender, podemos entender,
mas como ser e não ser, e talvez, e o contrário de tudo?
Só renunciando a si se pode permanentemente
Entrar na fluidez das areias movediças
no deserto de convicções
ou, pior ainda, na falsa crença de que
se têm convicções, valores, os quais
espremidos e traduzidos, são pouco mais
que uma vaga boa-vontade inconsequente.
Por vezes tão inconsequente
Que deixa de ser boa, apesar da vontade.
Sim, estamos fartos de boas intenções
sem pés, nem mãos, e por vezes
até sem cabeça.
O grande projeto, o grande desafio,
não é seguir os rituais banais,
ancestralmente
determinados por atavismo e facilidade, seguidismo;
Ou as modas, hoje muito apelativas para alguns -
- até porque para alguns muito convenientes.
E altamente penalizadora, sem razão,
Para os que a Sorte (ou a perfídia)

Escolheu como bodes expiatórios.
Vivemos tempos muito difíceis,
tempos em que as Portas da Loucura
foram abertas sem promessa de que fechem.
Procura, pois, teu chão.
É pequeno, será...É teto falso, eventualmente,
De caves, e cavernas, e túneis...
De um mundo subterrâneo
Cujos espectros não vais querer enfrentar.
Mas é o teu chão, o teu lugar,
onde podes construir tua casa
e em torno semear e ver florir.
O resto em volta é sonho e vizinhança...
Podes viajar, mas não abandones teu chão,
quero dizer: Não te abandones a ti,
Nem aos valores maiores da tua gente.
Cultiva o teu jardim nesse teu chão
E só assim serás feliz.
Isso é possível
Se não pedires a Lua e os arredores
Ou se os pedires
Olhando pelo teu telescópio,
Bem assente no chão.

Paulo Ferreira da Cunha

POR FALAR EM COLARINHO- BRANCO

Por falar em colarinho-branco,
por cansar do crime,
por chorar a crise,
por buscar o certo e
saber que o caminho é incerto,
nesse deserto
a procura do método
Testo. Que é certo?
Disserto.
Direito Penal não é carnaval.
Há algo melhor ou igual?
Direito de Intervenção?
Quem garante a proteção?
Quantas velocidades para
alcançar toda a sociedade?
E se o direito é difuso
Tudo é mais confuso!
E se o crime é econômico
Tudo é mais dinâmico.
Lei penal em branco
Nada de pranto!
Mesmo sem inimigo
O crime é de perigo
Está certo.

O tipo é aberto
Caiu o teto. Sem mudança radical.
Nada mais é igual
Ao velho Penal liberal
Se partir dessa cidade,
em toda parte há desigualdade.
Mas se pra companhia chamar a Criminologia
Encontrará sabedoria.
E se viajar na dogmática,
É o fim da problemática.

Juliana Damasceno

POR MAIS QUE NÃO SE DIGA, CONTINUA SENDO

Buscamos evitar a palavra
Dizer a coisa
Falar

Como se com isso fosse possível fugir do fenômeno
Afastar o que está presente
Negar o que é

Essa tentativa que é mero ignorar da situação
Um olhar para o outro lado
Fingimento puro

O nome é apenas algo que se dá para aquilo que já se tem
Tentativa de aprisionamento pela palavra
Busca de captura do ser

Mas é como já disse Shakespeare ao falar da rosa
Muda-se o nome, mas o que fica é o mesmo
Permanência da essência

O que se sente não pode ser mudado
Por não dizer a coisa
Por não falar

Por mais que não se diga, continua sendo
O cerne do espírito
O sentir

Paulo Silas Filho

POR QUE TE CALAS?

Brasil, país ou colônia,
o que fizeram de ti bela nação?
Oh! Amada pátria,
Por que dormes em berço esplêndido?
Com tantas riquezas e desigualdades.
O povo anestesiado,
a juventude calada,
a política despolitizada,
a educação ameaçada.
Os intelectuais, já não apontam a solução.
Nossos sonhos despedaçados,
Nossa voz silenciada.
E por que não reages,
por que tamanha acomodação?
Destitui-se um governo democrático,
em nome da dita corrupção,
Não sabendo que o que viria
seria o algoz da maioria da população,
Que já não sabe para onde vai,
e se amanhã, ao menos terá o pão.
E por que não reages, o que mais te falta,
o que esperas, por que te calas?
Não vês o perigo à vista?
Oh! nobre cidadão.
Não deixes o 2018, ser outro 1968!
É hora de descolonizar tua mente,
Só depende de vós, só depende de vozes,
Que tenham coragem de lutar,
E de não errar, nas escolhas da primavera.

Agnes Pessoa

PRESENTE DEVOLVIDO

Chegou
Tão perto
Que ninguém mais
Com sua pele
De raposa
E seu corpo de cavalo
Me deitei
Na sua cama
E lhe dei
Meus olhos
Não os quis
Devolveu-os
Cheios de lágrimas
Lhe dei
Minha boca
Não a quis
Devolveu-a
Com fel
Dei-lhe o dia
Não o quis
Devolveu-o
Agora noite
Insone e escura
Dei-lhe a alma
Não a quis
Devolveu-a

Com meu
Corpo viciado e sedento
Dei-lhe a voz
Em meus poemas
Não a quis tampouco
Devolveu tudo
Com esta saudade
Que também não quer.

Nely Nazareth

QUANDO FUI SOL

Sentia que podia ser luz
Mas foi ensinada a ser sombra
Sabia que queria ser só
Mas de tanto ouvir, achou que precisava de um braço que a amparasse
Sonhava conhecer o mundo,
Mas o seu destino de todos os dias eram as paredes da casa

Não fale alto
Não brilhe
Não seja exuberante
Não se destaque
Feche essas pernas
Não gargalhe

“Comporte-se como uma mulher”

E o que é ser mulher? Ela questionava
E por não ser esta mulher...

Ela foi só
Foi sol
Gargalhou, brilhou, gritou
Correu, trilhou, destacou-se
E contou tudo isso a outras mulheres

Juntas: Elas escreveram poemas
Entoaram cantos
Publicaram livros
Ocuparam espaços

E foram: sós, juntas, sol, lindas, livres:

Vivas!

QUEM NUNCA SOFREU POR AMOR?

Quem nunca sofreu por amor
Você nunca sofreu por amor?
A gente mata um pedaço,
para deixar outro nascer
Nascer é difícil
Dói, mas, no fim, vale a pena
Pode-se sempre fingir
que nada aconteceu,
mas, se assim for,
a cicatriz não consolida
e a ferida fica aberta
A gente precisa aprender
com o sofrimento,
infelizmente...
Vai passar...
Tudo passa
até a dor por amor...

Rodolfo Pamplona Filho

RESISTIR

Resisto porque não tenho escolha
É necessário sair da bolha
Das verdades imutáveis
Dos egos inflados
Resisto pois preciso acreditar
Na utopia de viver em um lugar
De mais alegrias e justiça social
Resisto porque não tenho escolha
Não é possível aceitar essa configuração torpe
Do mundo atual
Banal e desigual
Sem considerar as fissuras e agruras expostas
Resisto porque a alma clama por mudança
Por um pingo de esperança
Que seja apto a mudar a conjuntura local e social
Às vozes dos excluídos precisam ser ouvidas
Assim como qualquer voz presente na sociedade
Resisto para plantar no hoje a semente de sorte do amanhã
Resisto porque não tenho escolha.

Paula Yurie Abiko

ROSA NEGRA

O que diriam os cravos
Vendo a ti rosa negra?
Respondo-ti neste pobre latim.
Maravilhados ficariam!
Ao sentir fragrância tão peculiar
Da sabedoria que exala por essas pétalas morenas...
Indignado, ficariam as margaridas!
Frustradas ao apreciar-te
Nesta exuberante primavera.
Solta, esguia, independente
Regada por si.
Rosas brancas, vermelhas e púrpuras
Murchariam por inveja
Desta rosa negra que os espinhos acariciam...
furam os tolos,
Que cutucam à revelia

Rodrigo Luz

SENHORA

O que fizeram de ti?
Formosa flor, amor tão moço, doce e raro.
O que fizeram de ti?

Senhora de toda vontade
Ventre de toda humanidade...
O que fizeram de ti?

Senhora,
Império do amor que geras
contraí e expulsa o mundo por entre as pernas

O que fizeram de ti?

Eva, Helena, Penha, Maria de todas as Dores...

O que fizeram de ti?

Amor tão moço, doce e raro, morto!
Morto Amor!
Afogado no mar sagrado que se formou em teus olhos.

Paloma Leles

TEMPO

Muito tempo longe e tão pouco tempo para te ver e sentir a brisa que vem de você e beija o meu rosto e liberta os meus cabelos...

Tão pouco tempo para ouvir a sua voz, tão eterna, e me chama...

Tão pouco tempo para que molhe os meus pés, as tuas águas revoltas...

E tanto, tanto tempo para sentir saudade do tão pouco tempo que pude estar com você.

Rosa Duprado

TERRA PLENA

Sim. Minha ‘terra’ é plana! Não aquela que esperas navegar até alcançar as arestas. Não te atrevas a tocar em minhas bordas! Nem com tuas mãos, tampouco com teus passos pesados de macho a sentir-se alpha. Não te enganes tanto com tuas certezas quadradas a ocupar tuas caixas fechadas. Abre as tuas arestas! Permite o vento, o frescor das brisas, a agitação necessária das tempestades ligeiras. Não te deixes cair em tentações idiotas de um corpo másculo que só se importa com satisfações de gozo. Estende teus olhos para além dos horizontes do corpo. Tu não és assim tão pouco! Não te satisfaças tão somente com uma carne que em breve estará gasta, desvanecida entre as dobras do tempo menino – esse sim, proprietário direto, perene, completo, das tuas noites e dias, a cobrar-te insistentemente o pedágio encarecido do teu respiro no mundo. Não te enganes com tão pouco e ilusório paraíso!

Sim. Minha ‘terra’ é plena! Aquela à qual, a teu bel prazer, jamais terás acesso ou direito de uso, sem que tenhas licença ambiental do meu coração, nos conformes únicos do meu próprio desejo. Quiçá, conceder-te-ei servidão de passagem, vez por outra, ao lado de cá da minha margem! Ainda assim, teus ódios repentinos estarão sujeitos a despejos, pois saibas que não mais sou afeita a sofrimentos contínuos!

Não esperes que essas minhas planícies, depressões ou monte de vênus, sejam-te navegáveis até o teu descobrir das minhas entranhas! Não te deixarei entrar por mero capricho ou desejo incontido do teu órgão ativo! Somente encontrarás abrigo no ventre do meu mundo quando souberes respeitar-me enquanto útero!

Sim. Minha ‘terra’ é prana! Ar em movimento. Respiro fundo no contratempo. Torvelinho necessário em tempo de contraponto. Também é montanha, precipício, labirinto ou caminho. Fome, desejo, sede de ninho. Mar profundo, veio d’água, ribeirão. Vertente de água

salobra, cachoeira, turbilhão. Minha 'terra' é fenda, buraco negro, cometa, constelação. É céu aberto, chuva fininha, temporal de verão.

Sou mulher. Daquelas que amamentou teu coração. Que te ensinou o passo, a palavra primeira, que fez tua comida e te ergueu do chão. Que lavou tua ferida e te salvou do desespero da ilusão. Por isso, não te atrevas, sem minha licença, a devastar minhas fronteiras, estabelecer meus limites, ou sufocar minhas veias! Nem te assustes se te chamarem a fazer minha louvação! Aceita-me parceira, companheira em amor e condição. De outro modo, desejo-te sorte na estrada, segue sozinho, não te quero sem coração! Pois minha 'terra' é gana, esperança, germinação!

Nic Cardeal

TRISTEZA COMPANHEIRA

Tristeza
Não seja
Mais
Minha companheira
Voce faz
Minhas lágrimas
Sempre inesperadas
Serem tao
Pesadas
Me deixe um pouco
Esqueça de mim
Como me esquecem
E me abandonam
Por fim
Tristeza
Não quero mais
Sua sombra
Nem que
Me dê mais
Sua mão
Deixe-me só
Com minha
Solidão
Deixe-me
Apenas
Sentir
Saudade

Nely Nazareth

TUDO QUE VIVI

Não foram as estrelas floreando a noite,
Nem mesmo a lua arqueada em prata;

Não foi a chuva estalando o chão,
Nem os seus pingos esfriando a terra;

Não foi a brisa tateando o rosto,
Nem mesmo o mar na efusão das ondas;

Não foi o sol amorenando o corpo,
Nem a ciranda do vento agitando as folhas;

Não foram as árvores, nem seu verde vivo,
Não foram os lábios a moldar sorrisos;

Não foi a inocência dos primeiros versos,
Nem mesmo a dor descorando a face;

Não foram as vozes murmurando súplicas,
Nem os olhares lamentando a injustiça;

Não foram os aplausos cerrando as cortinas,
Nem a despedida na última palavra;

Não foram as fontes, nem o brincar na água,
Não foi a meninice que marcou o tempo;

Não foram os medos, nem as emoções travadas,
Nem mesmo os contos, tantas vezes lidos;

Não foi a alegria do momento amado,
Nem as canções que colheram lágrimas;
Não foi o ato que gerou a vida,

Nem as lições do tempo eternizadas;

Não foi o gesto na humildade sábia,
Nem o desejo de sentir o mundo;

Não foram as viagens desfolhando histórias,
Nem os abraços nunca mais sentidos;

Não foram as paixões, por vezes vividas,
Nem a candura do amor de agora;

Não foram as lembranças, fotografias do tempo,
Mas o pulsar da alma desnudando o ser,

A existência,
Tudo que senti,

O começo,
Toda a trajetória,

De tudo que vivi, compus minha história.

Poliana Policarpo

TÚMULO VAZIO

Sepulcro gélido que não existiu
Mas se sentiu

Como Cristo não se fez
Pois o Filho houve, se desfez e novamente se fez
Já o não filho nunca houve, mas poderia ter havido
E sido sentido
E isso bastou
Para que algo fosse

Amargura do instante
Em que a possibilidade se contemplou
Inquietude da alma
Que abalou o espírito
Pois
Desfez quando se cogitou que se fez
Mesmo quando nunca existiu

O saber só veio à tona
Tempos depois
Somente após o que nunca se fez foi assim confirmado
O abalo que por um só foi sentido
Foi então compartilhado
E sentido

Aflicção inaugural
Pois até para quem já havia sentido
Sentiu agora de outro modo
Junto ao outro
Como algo, que não foi, pertencesse não a um só

Mas a dois
Então foi novo, o que foi sentido
(ressentido)

Amargor sem sabor
Comoção que resta silente na abstração
Pois não chegou a ser
Mas poderia
E isso basta
Bastou para enxergar algo que ali sempre esteve
Ou que assim foi se construindo
Até que se estabelecesse

Não resta alternativa
A respeito do próximo passo
Pois sequer existem respostas possíveis
Para algo que não existiu
Mas o significado não basta
Para apontar que algo há?

Naquele túmulo que surgiu
Nenhum corpo foi posto
Sem ato fúnebre prévio
À descida do caixão
Apenas o sentimento
De desolação

Ao que foi
Sem não ter sido

Paulo Silas Filho

UM MILHÃO DE FLORES PRA VOCÊ MENINA

(Canção em homenagem a minha filha Maria Paula Matos Leão)

Linda demais!
Doce demais!
Meu coração desfalece de amor..
Orgulho meu...Pedaço meu..
Um sonho que realizou!
Cabelos ao ar...eu vou pentear..
De alguma forma...fantasiar..
Te colorir..sempre brincar..
Tudo na vida... fazer rimar..
Eu não saberia se feliz sem ter você!
Oh doce menina..
Como é bom te ver crescer!
Linda..Linda...Linda..
Doce...Doce...Doce...
Um milhão de flores pra você menina!

Maica Matos Leão

UM NATAL NORDESTINO

Um belo dia, desceu do céu um anjo chamado Gabriel.
Veio com a obrigação de surgir em aparição
Deveria, para a Virgem Maria, fazer uma revelação:
“Maria, darás à luz a Jesus. Assim o Senhor quer”.

Maria, que iria se casar com José, chorou de emoção
E, sem titubear, Ela aceitou sua nobre missão.
José, homem de fé, de Maria cuidou, na gestação:
Trabalhava na Carpintaria e os amava com devoção.

Ocorre que, naqueles tempos, burocracia já havia
E sem direito a recorrer, tanto José, quanto Maria,
A um Censo tiveram de comparecer, na cidade de Belém.
Maria sentia o seu neném e não foi simples para ninguém.

Não havia automóveis, aeroplanos, telefonia,
Para facilitar a vida de José e de Maria,
Levando seus documentos, na garupa de um jumento.
Nossa Senhora pegou a estrada, sem pensar no sofrimento

Pelo avançar da gravidez, chegara a vez do nosso Rei.
Nossa Senhora pressentia e mantinha sua fé.
Num determinado instante, Maria avisou para José:
“O bebê está chegando, não consigo ficar de pé!!”

E José correu, procurou uma hospedaria,
Mas ninguém abriu as portas para ele e Maria...
Numa estrebaria, acomodou Maria urgentemente
A José, Nossa Senhora agradeceu humildemente.

Às vinte e quatro horas, em vinte e cinco de dezembro,
Um galo cantou fortemente: nascera o Rei minha gente!!

Os anjos, embevecidos, avisaram aos pastores à sua frente!
Todos foram conhecer o rei-menino alegremente.

Ovelhas, bois, cavalinhos, testemunharam, de pertinho,
E cederam a manjedoura, por obséquio, tal qual presépio!
Maria sorria de alegria e José os acolhia...
Naquela hora, a sagrada família se estabelecia.

A Estrela Dalva brilhava; de homens sábios, foi a guia.
Eles conheciam a profecia: a chegada do Messias!
Eram os reis magos e procuravam Jesus, José e Maria...
Dizem que seriam sacerdotes, ou mestres em astronomia.

Os reis magos eram três: Gaspar, Baltasar e Belchior,
Sabiam que o recém-nascido faria o mundo melhor
E o presentearam com mirra, ouro e incenso
Ao escolherem os presentes, tiveram muito bom senso

Roupinhas de pagão, meia dúzia de fraldas de pano,
Farinha de mingau seriam presentes do mundo atual,
Mas, naquela época, presentear assim era natural
Era moda, era chique, elegante, era a postura ideal.

O ouro indicaria a realeza: não há o que explicar.
Já quanto ao incenso, perceba: a explicação está no ar...
Com o Pai, pela fumaça, Ele poderia se comunicar
E de qualquer lugar: do sertão, do agreste e até do mar!

Quanto à mirra, uns fizeram birra, por não simbolizar a luz
Representaria a dor de Jesus, seu calvário, a cruz.
Mas um rei mago não daria, ao bebê, um presente de grego...
Na realidade, a mirra está envolvida num grande segredo:

Simbolizava que Jesus viveria eternamente
E nisso eu sou crente: a maior prova são vocês à minha frente
Se vocês me escutaram até aqui nesse repente
É porque o Menino está vivo e vocês não são indiferentes!

Têm um quê de razão os que viram, na mirra, a dor de Jesus
O menino, por ser fonte incandescente da mais forte luz,
Apurou a visão de quem não queria enxergar.
Resolveram, no final, que deveriam crucificar.

Os homens estavam incomodados com sua presença,
Por inveja, medo, egoísmo, angústia e insolência,
Puseram um fim em sua existência, mas Ele ficou em essência
Vencendo milênios, costumes, distâncias, fronteiras e diferenças.

Eles não contavam com a herança de paz, amor, compaixão
Não sabiam que Jesus era verdade, cura e redenção.
Mas vocês não perderam a viagem, prestem muita atenção:
Só se presencia a natividade, escutando o coração.

É possível presenciar a natividade, mesmo só:
Num sorriso de uma criança, num abraço de avó.
No olho d'Água que nasce na terra rachada, pelo sol;
Num pássaro que corta os céus, num vôo rasante, ao arrebol;

No coração solidário, compadecido do infortúnio alheio;
No nascimento do primogênito, do caçula e do filho do meio;
Nas ondas que conduzem a jangada do pescador,
Na gratidão do estudante, pelas lições do professor...

É possível ver Jesus nos cientistas buscando curas;
É possível ver Jesus em quem luta contra torturas.
É possível ter Jesus dentro do nosso coração.
Mas é preciso ser paz, justiça, caridade e perdão.

Mírian Monte

UMA NOVA MULHER

Desde que habitamos este mundo
O centro das discussões tem foco no masculino
O homem é juiz e parte em tudo
Sempre ditando o nosso destino.

Houve um tempo em que sequer pensava
No porquê de ser assim
Era a ordem natural das coisas
Cultura e história imantaram isso em mim.

Até que um dia me dei conta,
Quis ouvir a minha alma,
Enchi-me assim de calma
E complacente fui buscar a minha essência.

Ao buscar compreensão
Eis que encontro num lampejo,
O sentido maior do meu desejo:
Um ser humano sem distinção.

Naquele momento entendi
Em que me fizeram acreditar:
Encarnaram-me o papel do Outro
E à minha essência dei vazão de modo subliminar.

Não sem revolta percebi
E quis romper esse padrão.
Muitas lutas eu travei,
Dando início a um movimento que a ordem perturbou.

Nada era como antes
O que haveria de ser então?

Nessa luta sectária homem e mulher em batalha
E muita desacomodação!

Penso que o conflito valeu a pena
Mulheres passaram a escrever nossa história
Deixamos os lugares a nós reservados
E hoje vivemos um novo cenário.

Discutimos a atuação feminina em espaços de poder!
E quem, àquela altura, Imaginara isso acontecer?!

Hoje conduzo a minha vida
E por essa consciência não peço guarida.
Carrego uma força legitimamente conquistada,
Agir com candura não me faz dominada.

Reconheço melhor o meu papel,
Revolta não mais me cabe
Minha luta tem outro sentido:
A busca agora é pela plena igualdade.

Manter meu tom conciliador,
Ter firmeza em cada passo
Sem me apartar da essência
Na ocupação de qualquer espaço.

Então vamos caminhar para frente,
Fazer deste debate um pulsar de ideias reluzentes
Que descerrem mais um capítulo feliz dessa história,
Tão recente e cheia de glória!

Cyntia Possídio

UNIVERSO

Queria eu poder dizer em um único verso o meu universo, mas não sei sequer diferenciar o que percebo do que sinto. Sinto tudo demasiadamente e vejo a vida sendo derramada entre meus dedos, então imerjo na profunda intensidade, como se tivesse um único fôlego de vida e me afogo nas incertezas que me fazem morrer um pouco por dia. Duvido de tudo, sobretudo de mim e é tardia a forma como processo o mundo, demoro a entender, embora o sinta instantaneamente. Não há transparência nas minhas sensações, e existem momentos em que as percepções me escapam como um gás que se expande pela atmosfera. Não sou capaz de sentir ordenadamente e sou entusiasta de labirintos, talvez por nunca ter saído de um. Meus pensamentos são livres, não os prendo. Embora minha imaginação seja minha liberdade, minha realidade se espedaça facilmente e me dispersa, me situando em um outro universo que me mostra já ser outra, é que as minhas metamorfoses são quase que diárias. Sou instintiva, caleidoscópica e cheia de limitações descritivas que me rasgam em pedaços de mim.

Jordane Costa Oliveira

VERDADE DO SER

Coisas que sou são coisas que sei
Sou o que sei, mas não sei o que sou
Sou o meu mundo, mundo que sei
Não sei do seu mundo que tanto não sou

A minha verdade é o que sou
Mas nem sempre sou aquilo que falo
Da sua verdade sei o que sou
Do que não sou, somente me calo

Claudio Melim

VISÃO DE UM CEGO

Sentir é melhor que enxergar.
Eu sei que a vida é uma coisa boa
Mas, sei também o que pode atormentar.
Vejo você agora com meus olhos brilhantes.
Não me enganam as aparências.
Sinto a tua beleza valorizar meus instantes.
Em cada noite o céu fica claro pra mim
Pois, apesar da distância, enxergo estrelas.
A sensibilidade está nos olhos da alma.
O feio aparece quando a alma desvanece.
Do sentimento bom, brota a vida nos olhos
Pois, se é amor, a visão da alma prevalece.
A visão de um cego que sente é recompensa
Quando não pensa ele com olhos carnis
Querendo só ver o belo naquilo que satisfaz
Ela é a lucidez do seu coração
Ela é a razão de sua existência
Ela é a bula daquela panacéia
Ela é a bússola daquele labirinto
Ela é o caminho iluminado que lhe apraz.

Jaécio Matos

VIVER SE APRENDE VIVENDO

Foi por aí
Que eu me encontrei
E me perdi
Foi por aí
Que dei por mim
Foi por aí
Que disse não
E disse sim
Foi por aí
Que a vida me ensinou
A viver assim
E ser o que sou
Porque a gente não nasce
Com manual
E é a experiência
Do dia a dia
Que nos faz ser
O que realmente
Somos
E é por aí
Que vamos
Vivendo a vida
E aprendendo com ela
A viver
Pois viver
Se aprende
Vivendo.

VOCÊ...

Escondido embaixo de camadas, aí está você.

No canto da foto, na carícia do pôr do sol, no sorriso da lua que acalma a alma e agita o coração, ali está você...

No silêncio que não detém o grito da beleza, no olhar que prende o vento, na ausência que liberta tua presença, lá está você...

Na janela das vontades, na saudade que revive sentimentos, nas cores da emoção, no ângulo perfeito, cá está você...

No espaço, na lágrima, na chuva, em todas as faces, em todas as cidades, aqui está você...

Você...é a descoberta na travessia, o click do imaginário, a história (re)contada pelas lentes da poesia, a eternidade dos momentos!

Taysa Matos

Os poemas publicados por autores de diferentes áreas na coluna “Direito e Arte” do site Empório do Direito, durante os anos de 2018 a 2020, encontram-se cronologicamente reunidos em quatro livros, cuja sequência de títulos coloca em jogo os termos Poesia e Direito: “Pelo Direito da Poesia!”, “Pela Poesia do Direito!”, “Pela Poesia no Direito!”, e “Pelo Direito na Poesia!”. Mas afinal, onde reside a poesia? Como encontrar o endereço de sua mágica morada?

Percorrendo o mapa interno dos quatro volumes, o leitor se depara com a vizinhança entre duas formas de arte – poemas e fotografias – que se associam (conforme seleção da organizadora Taysa Matos) em torno da poesia, essa habitante de diversas moradas. O poeta e ensaísta mexicano Octávio Paz, em um dos capítulos do seu livro “O Arco e a Lira”, obra teórica de forte viés poético, afirma que “uma tela, uma escultura, uma dança são, a seu modo, poemas. E esse modo não é muito diferente ao do poema feito de palavras. A diversidade de artes não impede sua unidade”. A poesia mostra não ter residência fixa, antes transita por diferentes campos da arte e da vida, expressando-se por meio de diferentes signos: da móvel arquitetura das palavras aos diversos ângulos da fotografia; da tela pintada à contemplação de uma paisagem; do eu lírico ao eu social; das narrativas da ficção às narrativas da história; do privado mundo interior ao público espaço das relações humanas. Afinal, voltando aos sábios ensinamentos de Octávio Paz: “paisagens, pessoas e fatos podem ser poéticos: são poesias sem ser poemas”.



Marisa Aurea de Sá Falcão

Doutora em Literatura e Cultura (UFBA)

Autores

Analice Nogueira Santos Cunha

Agnes Pessoa

Bernardo G. B. Nogueira

Bianca Rosenthal

Claudio Melim

Cacau Novaes

Caio Vlasak

Caroline Barreto

Cláudia Boatti

Cyntia Possídio

Dora A. Martins

Eliane Câmara

Elizabeth de Araújo Souza

Ezilda Melo

Gabriela Menezes

Henderson Fürst

Homero Chiaraba

Jaécio Matos

João Marcos Buch

Jordane Costa Oliveira

Juliana Damasceno

Karina Guerreiro de Sá

Laura Cecília Fagundes

Lívio Oliveira

Lucas Gabriel S. Costa

Luciana Pimenta

Luiza Nagib Eluf

Luciana Santos

Luís Wagner S. Costa

Maíca Matos Leão

Márcia Letícia Gomes

Mariana Imbelloni Braga Albuquerque

Marilena Wolf de Mello Braga

Marisa Falcão

Mírian Monte

Nely Nazareth

Nadine Hellen Reis

Nic Cardeal

Nilzo Felisberto

Paloma Leles

Paula Yurie Abiko

Paulo Ferreira da Cunha

Paulo Silas Filho

Poliana Policarpo

Rafaella Albam

Renato S. S. Schindler Filho

Rodolfo Pamplona Filho

Rodrigo Luz

Rômulo Moreira

Rosa Duprado

Samuel Lourenço

Taysa Matos

Tiago Silva de Freitas

Ualy Castro Matos